

DAS TINTURRA

Henrique Sousa

2007

Índice

HOJE.....	5
ONTEM.....	33
AMANHÃ.....	51
SEMPRE.....	65

ATÉ À VITÓRIA FINAL DOS TIOS!

HOJE

De certo pensarão que vos quero falar dos dias de hoje, e pensam muito bem. Ora, morando nos arrabaldes de Leiria, foi enorme o meu regozijo ao ver que uma loja que caiu em desuso andava a ser convertida em nova superfície comercial. A fachada foi vedada ao público até ao dia da abertura, e... qual não foi a minha (agradável) surpresa quando vi nascer uma... FARMÁCIA!

Fantástico, pensei cá para os meus botões. Já não vou ter que caminhar uns bons quilómetros para comprar a tintura de iodo de que tanto preciso para os pés. Dois ou três dias depois da inauguração, entrei na bem-dita farmácia, teci um rasgado elogio à iniciativa, e pedi se me podiam aviar um frasco de álcool iodado a 10%. Resposta imediata dos empregados trajados a rigor com bata branca:

- Ah! Caro senhor, lamentamos muito, nós aqui não fazemos manipulações, terá que se dirigir a uma das duas únicas farmácias de Leiria que fazem (ainda) dessas coisas. Sabe, hoje há o Betadine, o Sensodyne, o Vaicontentemas-semdine, etc..

- Está bem, percebo! Mas será que me podia então vender a tintura de iodo e o álcool que eu em casa manipulo?

- Bem, o álcool pode comprá-lo no Lidl, aqui a cem metros.

Quanto à tintura de iodo... Só por curiosidade, qual a marca que prefere? Vou ver se há!

- Qualquer, desde que seja tintura de iodo!

Passados dez minutos, aparece o solícito empregado (de bata já menos branca), desculpando-se:

- Sabe, não consegui encontrar tintura de iodo na base de dados. Sabe o nome comercial?

- Experimente Tintex ou Tinturex ou IODOMAX ou ProCalex, FUNGOMAT, PEDATLETIX...

- Ah, muito obrigado pelas sugestões.

Entretanto vim cá para fora fumar um "cigarrex", enquanto o pressuroso empregado pesquisava a sua base de dados. De regresso ao interior, enquanto passava uma vista de olhos pela montra dos champôs e dos perfumes, o afadigado e empenhado empregado chama-me:

- Caro senhor! Lamento (já a bata andava feita num oito), mas essa tintura não consta de nenhuma base de dados das farmacêuticas.

- Paciência! Lá terei que ir ao centro de Leiria. Mas tem aí algum medicamento para o pé-de-atleta?

A face do empregado iluminou-se com um sorriso que ia de orelha a orelha. Abotoou-se e, num ápice, encheu-me o balcão com mais de vinte produtos - cremes, pós, sprays, inaladores, adesivos, cápsulas, injeções, clisteres, etc. - destinados a combater o pé-de-atleta. Começou então a falar das virtudes de cada um dos medicamentos, efeitos laterais e colaterais, manter afastado das crianças, não tomar durante a gravidez, evitar conduzir sob o efeito da pomada, não beber durante o tratamento, conservar em lugar fresco e seco (será para pôr no frigorífico?), etc., etc.. Resultado: lá trouxe uma pomadita que ando a pôr há uma semana mas o pé-de-atleta continua assanhado.

Hoje fui ao centro de Leiria e passei por várias farmácias e perguntei por tintura de iodo. Nada! Não há, já não se usa, é perigoso, leve antes isto ou aquilo. Não, muito obrigado, eu quero tintura de iodo, o pé-de-atleta só passa com tintura de iodo.

~~~~~

2007-01-03

Estamos rodeados de tecnologias, mas mais ainda de certas manias, uma delas é a mania das marcas sob o pretexto da qualidade. Vem isto a propósito de ter mostrado hoje aos meus alunos de electrónica como se pode produzir um pequeno amplificador de som por um preço irrisório. Um dos alunos comentou: “Ah, agora já sei porque é que nas lojas dos chineses vendem aparelhos para melhorar a audição a 3 euros cada; aquilo não é mais que um amplificadorzinho do som, não é Stôr?” Exactamente, respondi.

No entanto, quando experimentamos perda de audição, somos capazes de ir ao médico (o preço da consulta dava para comprar 50 aparelhos de audição), fazer análises e testes (mais 50 aparelhos) e no fim comprar um aparelho que custa entre 5 e 10 mil euros, vendidos por firmas “especializadas” (uma ova!) que dão garantia vitalícia (pudera!), e fazemos gala em contar aos amigos que o aparelho que usamos nos custou os olhos da cara. Perdemos os olhos para pagar os ouvidos. Mas impressionámos os amigos que ficam a pensar que temos dinheiro a rodos; não sabem que re-hipotecámos pela terceira vez a casa - a última foi quando comprámos aqueles óculos Roubão de 10 mil euros e o colchão Roubaflex que cura todas as maleitas.

Se calhar, vou hoje a uma loja dos chineses perguntar se têm tintura de iodo para curar o pé-de-atleta.

~~~~~

2007-01-03

Não me saiu da cabeça, ir hoje à loja dos chineses no Centro Comercial D. Dinis de Leiria, perguntar pela tintura de iodo. Tanto

mais que a comichão alastrou e o pé-de-atleta tende a tornar-se corpo-de-atleta, e não há meio de conseguir encontrar a milagrosa tintura de iodo. Já falei ao pessoal da Química, a ver se ao menos me ensinam a preparar a tintura, e um deles disse-me: “Sou químico mas não sou farmacêutico”.

- É pá, mas procura-se na Wikipedia, que eles lá sabem tudo. Olha, que foi lá que eu vi como se preparava o biodiesel, fiz um post sobre isso que atingiu o top dos cinco posts mais vistos, num instante! Vais ver que a tintura de iodo é capaz de ultrapassar o top, tanto mais que pé-de-atleta é uma doença que tende a alastrar-se.

- Como assim? - perguntou-me ele.

Aí eu expliquei-lhe que o pé-de-atleta se chama assim porque é uma doença dos atletas, pois, como eles correm, os pés transpiram mais e os fungos desenvolvem-se na humidade e no calor dos pés.

- Tudo bem, mas não percebo porque é que a doença tende a alastrar.

- Olha, desculpa lá mas, ou és parvo, ou fazes-te - disse-lhe eu.

Ofendeu-se, e virou-me as costas.

Mas agora entre nós, passo então a explicar porque é que o pé-de-atleta será a doença do futuro, capaz de vir a matar mais gente do que a gripe das aves. Com tanta gente que vai ter que passar a andar a pé, porque a gasolina e o gasóleo não param de aumentar apesar da liberalização do mercado, e com o aumento do preço dos preços dos transportes públicos, só mesmo os completamente destituídos de inteligência é que não se abastecem de tintura de iodo a tempo. Creio mesmo que já começa a haver açambarcamento do produto e a informação sobre como se prepara a tintura milagrosa desapareceu por completo. Os tios de alguma farmacêutica, que não dormem na forma, já se apoderaram da fórmula da tintura de iodo, e quando a doença alastrar vão lhe chamar de Gripe dos Pelintras, e vendem a tintura com um nome pomposo, do género TAMICUÇANDEX - DUPLEX, assim

como Tamiflu é, traduzido para português, “tôcomgripe”.

Quando ia a sair da escola, e a caminho do chinês, aparece-me aquele meu colega, todo choroso e a pedir-me desculpas por não ter percebido logo onde eu queria chegar, e repetiu-me tudo o que eu já vos disse acerca da minha teoria. Fiquei boquiaberto, e disse-lhe que estava abismado, como é que ele tinha conseguido, tão rapidamente, tirar aquelas conclusões, se há pouco, pouquinho, não percebera nada do que eu lhe estava a dizer.

- Sabes, pá, eu ia para arrancar o carro e reparei que estava sem gasolina.

- E daí? Agora o estúpido sou eu.

- Bem, o problema é que estou sem dinheiro para meter mais gasolina e vou ter que andar a pé até ao fim-do-mês.

Ao menos és optimista, por julgares que vai ser só até ao fim do mês, pensei eu.

- Vens comigo então ao chinês? Vou ver se eles lá vendem tintura de iodo.

- Não, pá. Vamos antes ao laboratório de Química. Salvo erro ainda há lá iodo e “putássio”.

Qualquer coisa me dizia que a tintura era feita à base de iodo. Mas o “putássio”, eu não sabia que andava também metido no negócio!

~~~~~

2007-01-04

Ainda não vos contei o que se passou ontem no laboratório de Química da minha escola. O meu colega, químico experiente, começou por me pôr a par do equipamento do laboratório. Tubos de ensaio são uns copos de vidro engendrados por algum tarado mas, segundo ele me disse, têm muita utilidade (acredito!) em Química. Um tal de

Bunsen, outro tarado qualquer, inventou uma boca de gás a que deu o nome de bicos, vejam só. Pude também ver que o pessoal da Química deve andar na pinga porque, num canto, havia um alambique (também de vidro) que eu fingi que nem vi para não embaraçar o meu colega.

Depois, ensinou-me que havia experiências perigosas, sendo necessário equipamento de segurança, luvas, óculos, extintores, e uma manta que ele felizmente me explicou para que servia, porque senão eu era capaz de fazer um mau juízo do pessoal que utiliza o laboratório. A manta serve para, no caso de alguém começar a arder porque o bico de Bunsen (ou algum salpico de material em chama) lhe pegou fogo à roupa, a pessoa embrulhar-se na manta, abafando assim o lume. Bem pensado, comentei. Muito bem pensado, até. Mal sabia eu...

Dadas as explicações de segurança, passou então a mostrar-me os produtos que havia por lá, todos com nomes esquisitos, a maior parte em frasquinhos de vidro com rótulos onde só se viam umas letras e alguns números. Mas ele chamava-os pelos nomes, bastava-lhe olhar para as letras e números e sabia o nome do produto. Só então compreendi porque é que nunca gostei de Química: é preciso ter uma memória extraordinária para fixar as referências todas que se escreve nos frascos. O sal de cozinha, por exemplo, disse-me ele que tem a referência NaCl e o ácido das baterias é o H<sub>2</sub>SO<sub>4</sub>. Felizmente o iodo é simples de fixar, é só I. Perguntei-lhe onde estava o “potássio” e ele mostrou-me um frasco maior que os outros, que por acaso já tinha visto e pensara que era queijo em azeite.

- Mas isso não é azeite? - perguntei-lhe.

- É pois!” disse-me ele, os pedaços é que são de potássio.

- Mas este “P” está muito mal feito, pá - disse eu, olhando para o frasco.

- Capa! - respondeu-me.

- Mas qual capa?

- Não, a letra é o Capa.

Algum colega dele, pelos vistos. Para não parecer demasiado ignorante, assobiei para o lado. Ele foi buscar uns cartapácios e começou a procurar. Procurou em toda a parte mas não encontrou nada. Entretanto sentei-me ao computador que lá havia e perguntei-lhe se estava ligado à rede. Estava. Comecei então a pesquisar, e o primeiro resultado foi, como era de esperar, da Wikipedia. Vi, mas calei-me, podia ser que ele não descobrisse e eu poderia ser o primeiro a preparar a tintura. De facto, ele não encontrou nada lá nos livros dele e disse-me que ia à biblioteca pesquisar. Preveniu-me que poderia demorar algum tempo. Ótimo, pensei eu, quando chegares já eu preparei a tintura de iodo e ficas mal visto.

Vou ter que interromper agora, porque estão a chamar-me para fazer o curativo da queimadura que sofri ontem no laboratório quando pus as caganitas de “putássio” em água e as gajas começaram a arder nem sei porquê. Se não fosse a manta de que me lembrei a tempo, já cá não estava a escrever no meu portátil, embora só com uma mão. Felizmente nada mais ardeu, mas o meu colega deve estar pior que estragado com o sucedido. Não sei, porque ontem não mais o vi, saí porta fora a correr para o centro de saúde, onde me prestaram socorro. Trouxeram um frasco enorme com uma tintura, e eu perguntei-lhes se seria tintura de iodo porque essa iria arder muito sobre a carne viva. Não, não era, afinal era apenas Betadine, disse-me a enfermeira. Pelos vistos a tintura já não se usa mesmo, já nem nos centros de saúde. Açambarcamento, pela certa.

Hoje, está decidido! Vou ao chinês!

P.S. - Moral deste episódio: Quem se mete com o “putássio”, lixa-se.

~~~~~

2007-01-04

Afinal acabei por não ir hoje ao chinês. Mas ainda a respeito da

experiência de ontem no laboratório de Química da escola:

Encontrei, hoje, o tal meu colega de Química, e ele perguntou-me o que é que se passara no laboratório que, quando ele lá chegou, encontrou tudo num desatino, e eu já lá não estava. E o que é que eu tinha no braço que andava com ele todo ligado e pendurado ao pescoço? Lá tive que me descoser e disse-lhe que tinha posto as caganitas do “potássio” em água e elas começaram a arder, o que eu achei um contra-senso porque a água serve para apagar o fogo, e não para incendiar. Pensei que ele ia ficar zangado mas desatou a rir, riu tanto que eu já começava a desconfiar que ele não deve ser muito bom da cabeça. Quando ele, finalmente, parou de rir, é que me esclareceu que essa reacção do “potássio” com a água era uma experiência clássica que se mostrava aos alunos, tomando, claro, as devidas precauções.

- Não ficaste aborrecido, então? - perguntei.

- Não, pá. Mas da próxima não te adventures mais em experiências de Química, assim como eu não hei-de mexer naqueles aparelhos marados que tens lá no laboratório de Electricidade. E o que é que tens no braço?

- Bem, quando o “potássio” começou a disparatar, eu tentei retirá-lo da água, mas ele cada vez se abespinhava mais e andava como um espírito louco à superfície das águas, de um lado para o outro, e eu não conseguia apanhá-lo. Até pensei, nesse instante, no milagre da Criação, os deuses deviam estar loucos! Nisto, começou a arder a manga da minha camisa e fiquei com o braço queimado. Ainda bem que me lembrei logo de correr para a manta onde me embrulhei rapidamente e o fogo extinguiu-se!

- Bem, vá lá que foi só isso. Mas o que é que te deu para ir logo pegar no potássio e pô-lo em água?

- Curiosidade apenas...! Sabes, o nome despertou-me a curiosidade...! E tu, descobriste alguma coisa na biblioteca?

- Descobri, pois! A receita é muito simples: uns graminhas de iodeto de potássio e iodo sublimado, dissolvidos em etanol, ou até mesmo em água.

Essa do etanol eu já ouvi em qualquer lado, acho que tem a ver com o biodiesel.

- Mas o “putássio” não gosta de água, pelos vistos - disse-lhe.

- Sim, mas o iodeto de potássio dissolve-se em água, e não reage com ela como o potássio.

Calei-me, é claro! Ele tinha toda a razão, assim como os filhos podem não sair aos pais, os filhos do “putássio” não reagem necessariamente como o “putássio”. Mas fica sempre a desconfiança. Vê-se por alguns políticos que conhecemos bem. Alguns não enganam, são mesmo filhos do “putássio”, porque andam a queimar tudo o que tínhamos e a desbaratar toda a riqueza do Estado que é dada aos tios por tuta e meia. Eles são Hospitais, eles são Escolas, eles são empresas públicas que se criam com recursos públicos para depois as entregar de borla aos privados, enfim...

- Olha lá, então já podes preparar a tintura de iodo, não é?

- Poderia se tivesse iodo. Mas acabou-se e a casa que fornece à escola anda atrasada com a entrega.

- Pois, está bem! Paciência!

Separámo-nos e eu vim a pensar que essa história do iodo se ter acabado está muito mal contada. Ainda ontem estava lá o frasco... É certo que já tinha pouco, mas uns graminhas, como ele disse, devia ter. O gajo já anda é metido com a máfia da tintura...

Foi quando decidi, definitivamente, que tinha que ir finalmente ao chinês. Eles lá têm de tudo, até têm mais do que nas farmácias. Acabei, porém, por não ir por causa da reunião de pais de que só saí agora! Vou, impreterivelmente amanhã, depois das aulas!

Acordei às 5 da manhã, mergulhado em suor. Tive um pesadelo incrível por causa da máfia da tintura de iodo. Mas, claro, nada que se compare à realidade. Ao fim e ao cabo, no sonho, não tive que andar a pé por já não ganhar o suficiente para ter carro, e não tive que prescindir de várias manias (tais como ir de férias, ir ao dentista, ao oftalmologista, ao otorrinolaringologista, ao barbeiro, ao cinema, à FNAC e até à fava, se for preciso) que a sociedade de consumo nos impõe, mas cuja incapacidade de manutenção nos torna infelizes. Nada disso, no sonho eu vi-me, de repente, a falar com a balconista de uma loja, uma chinesa mal-encarada a quem eu já perguntara, em sonho, pela tintura de iodo. Ela fez um sinal com as mãos a alguém que estava ao fundo da loja e, daí a pouco, senti-me rodeado de três gigantes trajando sobretudo de cabedal preto, óculos escuros e chapéu. Mafiosos, pela certa, pensei. Estou tramado. A senhora chinesa acusou-me, então, aos mafiosos, nestes termos:

- Esti sinhôl quel tintula iodo!

Eu estava completamente aterrado, e tentava dar o dito por não dito, que não era tintura mas sim outra coisa qualquer, que a senhora é que tinha percebido mal. Mas ela repetia: “Tintula, foi tintula que ele disse. Foi tintula, tintula, tintula...”

E a palavra “tintula” massacrava repetidamente a minha mente, no sonho. Depois vi-me nuns corredores de metro, a ser perseguido pelos mafiosos, e eu a imitar aquele gajo do filme Matrix, a escalar paredes, e a tentar atingir com golpes de pés os meus perseguidores. Mas os meus movimentos eram muito lentos, demorava um tempão a subir pela parede, e a dar a cambalhota para trás. Eles pareciam estar a troçar de mim, da minha falta de jeito, e senti-me perdido; a última coisa de que me lembro foi ter saltado para cima de um comboio que passava, esperando assim fugir de lá para fora. Os gajos vão me apanhar pela certa se o comboio não arrancar já, sonhava eu. E foi neste estado de pânico, a transpirar com o esforço de andar a pular, que eu acordei... em cima do guarda-fato. Ainda estou para saber como

é que fui lá parar.

Depois deste pesadelo, não sei se deva ir ao chinês. Foi um aviso da máfia, os gajos hoje em dia têm métodos muito mais sofisticados do que os que usavam no passado. Eles já não precisam matar ou mandar matar alguém que se lhes opõe, utilizam a **psicologia de massas**, têm os “merdia” ao seu serviço para induzir o medo e os sonhos nas pessoas. Deste modo, conseguem manter-nos mansos que nem cordeiros e ninguém se revolta contra o açambarcamento da tintura de iodo – e não só! E que remédio temos senão ir comprando as pomadas, os sprays, os clisteres e etc. que a máfia produz, porque a tintura de iodo, que antigamente era algo tão banal, será muito em breve um produto que a máfia irá traficar, ou vender ao Ministério da Saúde por preços exorbitantes.

2007-01-06

Estou, hoje, sem saber o que fazer. O pé-de-atleta continua a alastrar e não consegui arranjar ainda a tintura de iodo, nem tenho já coragem para perguntar por ela, depois dos sinais que tive. Primeiro acabou-se o iodo na escola, depois tive o pesadelo que já vos contei ontem; era preciso eu ser muito estúpido para não perceber os recados da máfia. Já li também os “merdia” de hoje e as notícias vão no mesmo sentido, isto é, fiquei em pânico. A máfia aperta o cerco aos cidadãos para criar neles uma necessidade imperiosa de tintura de iodo. Com efeito, aumentaram os preços do estacionamento em Lisboa e o governo aproveita-se da descida do preço do petróleo para aumentar o ISP.

Cada vez mais gente vai ter que prescindir do automóvel e passar a andar a pé. Conclusão: o pé-de-atleta vai proliferar ainda mais, e a procura de tintura de iodo aumentará na mesma proporção. Leis do mercado, meus senhores, leis do mercado que nos são ditadas pela máfia. Mas os mais espertos, como eu, tratam de se prevenir a tempo, fazendo um *stock* razoável de tintura que dê para aguentar até se descobrir uma modalidade de transporte mais barata que o automóvel particular. Transportes colectivos? Estão também pela hora da morte, não respeitam horários e são incómodos demais. E a máfia

não está interessada em melhorar a situação porque continuam a querer que as pessoas não tenham outro remédio senão o carrinho particular.

Até logo, vou sair porque não é a escrever que a tintura aparece.

~~~~~

2007-01-06

Pronto! Estou de volta, após horas em demanda do santo remédio. Perguntar-se-ão os meus leitores se valeu a pena. *Tudo vale a pena se a alma não é pequena*, lá dizia Pessoa, e quem sou eu para discordar? Sim, valeu a pena, apesar dos quilómetros que calcorreei, e de quase ter sido apanhado com a boca na botija (da tintura de iodo).

Caminhando no sentido da baixa de Leiria, a primeira loja que encontro é uma loja de uma cadeia de supermercados cá de Leiria que não me paga para a publicidade, pelo que omito o nome. Entrei e comecei a inspeccionar as prateleiras. Podia ser que acidentalmente lá houvesse ainda um frasquinho de tintura esquecido. Nisto aproximase uma empregada que, tendo notado que eu não me decidia por nada, me perguntou:

- Posso ajudar? O que é que o senhor procura?

Foi aqui que eu quase me denunciei, ao responder:

- Estou à procura de tintu...

Foi por um triz que eu não acabei a frase. E ainda bem, porque a empregada entendeu a minha resposta de outra forma:

- Mas a prateleira dos vinhos é essa aí atrás. Há "tintos" e brancos e tem muito por onde escolher.

A máfia não dorme, já me estão a obrigar a levar uma garrafa de vinho tinto em vez de tintura. Nunca entre num supermercado só para procurar algo. É suposto que leve sempre qualquer coisa, e quem entrar e sair sem nada fica logo na lista negra, quando não é revistado

pelos “securitas” que estão à porta. Mas comigo isso não pega porque antes de entrar eu já pensara nisso, e nunca teria entrado se fosse só para procurar tintura. O tinto estava, felizmente, na minha lista e, deste modo, foi o que eu comprei, agradecendo à empregada por me ter ajudado.

...

Não entrei logo na primeira loja de chineses, nem na segunda. Não consegui resistir a entrar na terceira loja. Fui andando no meio dos corredores até descobrir o sítio dos medicamentos. Álcool havia bastante mas, qual não é o meu espanto quando verifiquei que, ao lado do álcool, estava um enorme espaço vazio. Mais do que óbvio que era o lugar da tintura de iodo que já fora comprada por algum açambarcador. Afinal não sou o único precavido cá do sítio. Mas, ou me engano muito, ou foi o meu colega de Química que terá passado antes de mim. É o único a quem eu já revelei a minha teoria da tintura...

À saída, reparei na senhora da caixa. Era ela, a chinesa com quem eu sonhara. Que susto, meu Deus! Ela fez-me um sorriso amarelo e eu retribuí com um sorriso branco (de susto). Saí mas, sempre preocupado que tivesse sido seguido pelos mafiosos, olhava de vez em quando para trás a ver se eles teriam vindo no meu... “percalço”. Não! Que eu tenha visto, ninguém veio atrás. Acelerei o passo e, num instante, cheguei à praça Domingos Lobo onde entrei num café que lá abriu recentemente e sentei-me a uma mesa, cansado.

- O que deseja?

- Café, se faz favor!

Bebi o café e li o jornal que, como sempre, me ajuda a estar a par das notícias da máfia. Mas temos que estar prevenidos para ler nas entrelinhas. Os incautos cidadãos lêem, mas lêem mal, encaixam tudo tal qual vem escrito. Está mal, muito mal, as pessoas deviam aprender na escola como ler as notícias dos “merdia”. Por exemplo, “descida do preço do petróleo” significa, pela certa, aumento do ISP; “a cura do

cancro está para breve” significa, invariavelmente, que a Liga Portuguesa Contra o Cancro anda em peditório, etc..

Acabei de ler, paguei e saí. O Centro Comercial D. Dinis ficava-me a caminho, não podia deixar de lá entrar. Mas, vindo pela rua de trás, dei com uns contentores de lixo abertos. Falta de civismo, lá fui eu fechar os contentores. Porém, a curiosidade de espreitar o lixo voltou ao de cima e, antes de deixar cair a tampa de um dos contentores, vi um frasquinho que me chamou a atenção, no interior do contentor. Tirei o casaco, arregacei a manga, e mergulhei a mão em direcção àquilo que me parecia ser, nem mais nem menos, um frasco de tintura de iodo. Alguém que passava nesse instante olhou para mim com pena, mas eu não quis saber disso, tinha que apanhar aquele frasco, desse o que desse.

Consegui!

~~~~~

2007-01-06

Como já vos disse no final do último episódio, ando na pista certa da tintura de iodo. Mal cheguei a casa, tomei um banho e troquei de roupa para me livrar da porcaria; mexer no lixo não é nada saudável. Porém, os “merdia” não se cansam de chafurdar na merda, até parece que quanto mais porca e sanguinária for a notícia, mais as pessoas as consomem ou devoram. Eles estão, porém, ao serviço da máfia, que pretende transformar as pessoas em simples consumidores, mesmo que só consumam merda. Pessoas e porcos poderiam, para a máfia, passar a partilhar os mesmos recintos, o que interessa é que comam toda a porcaria que se lhes der, a reciclem e transformem em ouro para os senhores da máfia.

De resto, eu já falei deste assunto dos porcos neste meu plágio ao padre António Vieira, que vale a pena recordar, o Sermão aos Porcos:

Caríssimos porcos!

Olhai, caros porcos, o que fazem os humanos. A vós, a quem eles chamam porcos, põem-vos a viver em pocilgas, atiram-vos com restos dos seus manjares e, depois, quando estais conformados e adaptados à porca vida que vos dão, levam-vos para o matadouro, matam-vos e tornam a refastelar-se com aquilo que vós transformastes em delicioso pitéu. Mas não julgueis que o fazem só a vós, porcos, fazem-no também aos seus semelhantes. Por isso, podeis estar tranquilos que vós, sendo porcos, não fazeis tanta porcaria como eles, pois nunca vi um de vós saciar-se com a carne do vosso semelhante, como vejo os humanos fazerem, uns com os outros.

De vós, porcos, aproveitam tudo: a pele, a carne, as tripas, o sangue. Fazem o mesmo, aliás, a todos os seres vivos. Mas não vos apoquenteis porque, indo por esse caminho, os homens acabarão por desaparecer da face da Terra, devorando-se reciprocamente. As suas armas de destruição massiva são poderosíssimas e os seus argumentos, a que chamam ideologias, igualmente poderosos. Tão poderosas são as armas que conseguem limpar, num raio de trinta ou mais quilómetros, todo o ser vivo que nesse círculo se encontre (nem o círculo sagrado respeitam); tão poderosas são as ideologias que, uma vez disseminadas, levam a genocídios terríveis em que milhões e milhões de seus semelhantes são mortos como porcos, e sem que isso lhes cause a menor repulsa.

Nunca vi um porco sentir-se superior a outro, ao ponto de provocar a morte de milhões do seu género. Quando muito vós competis por uma fêmea. Mas os homens não se contentam só com isso, querem muito mais. Cada homem gostaria de ser o dono de todos os outros. Sabem porque vos chamam porcos? Porque sabem melhor que vós, o que é a porcaria. Quando não estão absortos nas porcarias das guerras, passam o tempo em bacanais, vede as suas orgias nocturnas (e diurnas), vede nas televisões, jornais, internet, tudo serve para satisfazer o seu desejo de

porcaria.

Mas os porcos sois vós!

Retomando o fio à meada, depois da aventura desta tarde, em que descobri um frasco vazio de tintura de iodo de que nem uma gotinha do milagroso líquido consegui aproveitar, senti-me deveras cansado e fui me deitar. Ainda bem que o fiz, acordei há pouco e vou aproveitar para procurar a tintura à noite, longe dos olhares indiscretos dos transeuntes, e antes da recolha do lixo. Porém, a grande vitória de ontem consiste no facto de o frasco ter a etiqueta intacta, e nela estar escarrapachada a fórmula da tintura, preto no branco, melhor dizendo, branco no castanho:

6 g de iodo
2 gramas de iodeto de potássio
Etanol 70% q.b.p. 100 ml.

2007-01-07

Mal senti o barulho dos carros de recolha do lixo, dei por terminada a minha incursão nocturna aos contentores. Eram cinco da manhã quando cheguei a casa, tresandado a porcaria. Mas estejam descansados que não irei desviar a conversa para tantos e tantos outros assuntos que a pesquisa no lixo nos sugere, nem para aqueles que os poucos noctívagos que eu vi inspirem. Há uma quantidade enorme de institutos inúteis que só servem para dar tachos aos afilhados dos políticos e não há um instituto de pesquisa do lixo ou do esgoto. O lixo é uma fonte valiosa de informação sobre as pessoas. Com o esgoto, por exemplo, e tendo em consideração a máxima “Diz-me o que cagas, dir-te-ei quem és”, chega-se à seguinte conclusão: pode-se comer as mais sumptuosas iguarias, ou apenas a sopa dos pobres, mas expele-se sempre o mesmo. Como dizia Aleixo: *Uma mosca sem valor poisa, c'o a mesma alegria, na careca de um doutor como em qualquer porcaria*, e pode ser a porcaria de um doutor. Lá estou eu a divagar... Mas com o lixo, pode-se tirar conclusões ainda mais detalhadas. Senão, vejamos:

Depois de ter inspeccionado diversos contentores de lixo sem

sucesso, e já desanimado, ocorreu-me voltar ao mesmo contentor onde encontrei o frasco. Ao fim e ao cabo, no saco onde ele estava podia haver outras pistas interessantes. Dito e feito! Vá lá que ainda me recordava do saco sem marca, mas com uma cor inconfundível, um verde desbotado, daqueles sacos que algumas mercearias ainda usam. A pessoa que descartou esse saco, abastece-se na certa numa dessas mercearias de bairro, daquelas que ainda dão crédito ao freguês para pagar no fim do mês, e onde se pode comprar uma cebola e uma cabeça de alho sem ter que levar uma embalagem de cada coisa que irá apodrecer antes de ter sido consumida.

De facto, no referido saco não encontrei nenhuma cebola ou batata podre como nos sacos de marca que eu já revistara noutros contentores. Também não havia embalagens de iogurte danoninhos como era mato nos sacos de marca, excepto nos do Lidl onde havia as mesmas embalagens, mas com marca ligeiramente diferente, e muito mais baratas, suponho.

Havia, isso sim, cascas de batata, raspas de cenoura, cascas de limão que se via que já tinham servido para fazer chá, espinhas de peixe, ossos de frango, cascas de maçã e de banana, cascas de ovos, enfim, tudo lixo altamente biológico e que provém, muito possivelmente, de alguém de cultura muito superior às pessoas que comem pizzas e danoninhos; ou de um pelintra; ou ambos. Nem uma única embalagem de pizza lá havia. De papel, a única coisa que lá encontrei foi um envelope rasgado. Trouxe os pedacinhos todos que descobri, vai-me dar agora uma trabalhadeira a montar o *puzzle*, mas deve valer a pena porque talvez revele o nome da pessoa que deitou fora o frasco de tintura de iodo, bem como a sua morada, se tiver.

~~~~~

2007-01-07

Afinal foi fácil reconstruir o envelope rasgado. Faltam alguns pedaços, mas tem bastante informação sobre o destinatário e remetente. Agora é só uma questão de procurar...

## O ENVELOPE

2007-01-07

Ando bastante intrigado com a carta que encontrei no lixo. Como é que o destinatário da carta pode morar na Gandra e vir descartar o lixo doméstico nas traseiras do centro comercial D. Dinis, quase no centro de Leiria, a uns bons quilómetros de distância? É de supor que o homem more perto do contentor do lixo. Ou, quiçá, tenha dado outra morada para a correspondência. Pode também ter mudado de casa. Mas a morada está incompleta: não tem rua e, muito menos, número de porta. A Gandra, ainda assim, é uma zona extensa e não posso ir lá perguntar por um tal de José Simplício da Silva aos passantes ou pelos cafés. Será um sem-abrigo e põe o lixo em qualquer sítio mais a jeito? Uhhmm! Pistas falsas forjadas pela máfia? Reparem que a máfia é especialista em produzir pistas falsas. Nunca se soube, por exemplo, a morada exacta do Bin Laden. Andará metido neste negócio da tintura? A marca da tintura é árabe, Al-Ifar. Falta-me, além disso, uma palavra para identificar o Instituto que enviou a carta ao JSS. Já procurei na Net mas nada encontrei. Talvez tenha sido criado há pouco tempo para calar algum ex-ministro com um ordenado chorudo, e ainda não tem coordenadas em lado algum.

Preciso, urgentemente, de ajuda. Aceito sugestões quanto ao remetente e ao destinatário da carta.

~~~~~

2007-01-08

Hoje, vou andar a telefonar para todo o lado a ver se descubro esse tal JSS ou o Instituto que lhe enviou a carta. Ou muito me engano, ou essa é a chave de todo este mistério da tintura de iodo. O JSS deve ser um elo importantíssimo nesta cadeia que conduz à tintura. Possuo já, em relação a ele, informações valiosas que inferi da pesquisa efectuada ao respectivo lixo. Em primeiro lugar, deve andar a pé porque necessita também de tintura; é culto ou pelintra ou as duas coisas porque faz uma alimentação racional. E tem dois endereços,

pelo menos.

Creio que a máfia já me anda a perseguir. Não, não vi ninguém de quem pudesse desconfiar, mas hoje, quando me levantei para me lavar, não havia água na torneira; nem uma pinga sequer. Isso significa que vou ter que comprar água em garrações de 5 litros e não terei suficiente para tomar banho. Andam a boicotar-me o trabalho do lixo. Espertíssimos, não há dúvida. Que ninguém tenha a veleidade de pensar que consegue enfrentar a máfia.

Vou fingir que desisto da tintura. E vou telefonar de uma cabine pública para não me identificarem, primeiramente para o 118.

~~~~~

2007-01-08

Logo às 9 da manhã já eu estava na fila para comprar água no Lidl. A máfia cortou a água ao bairro e, como já não há chafariz em lado algum, as pessoas vão ao Lidl buscar garrafas de água. Métodos da máfia. Mas podem estar certos que vou descontar o custo da água na respectiva conta do fim do mês. E vão ter que me reembolsar, porque eu comprei a água mais barata que lá havia. Há garrafas de 5 litros entre 39 centimos e 97 centimos. As de 97 centimos são da máfia da Nestlé que diz que tem a melhor água de todas; como se a água pudesse ser mais ou menos água, só porque leva o rótulo da Nestlé. Que eu saiba, nenhuma delas é venenosa, logo: água é água. E o gosto mais ou menos saboroso da água não é desculpa porque água que se preze é inodora, insossa, incolor, etc.. Se pretender tornar a água menos insossa, basta adicionar-lhe umas gotas de limão, e é isso que a Nestlé faz. O papalvo diz que a água da Nestlé é mais saborosa, e leve, e sei lá que mais. Marketing, tudo marketing, limão e ignorância do povo. Se os tios querem exhibir aos seus amigos a água da Nestlé, isso é problema dos tios. Mas o povo devia saber que não há água de primeira ou de segunda. Desde que seja água pura, toda ela se bebe. A água da torneira, que às vezes traz cloro de mais (e sabe mal), melhora substancialmente com umas gotinhas de limão, e não faz mal nenhum

à saúde, antes pelo contrário, tem ferro q.b..

Fui, depois, ao local do crime. Isto é, fui mais uma vez à zona do contentor de onde retirei o frasco de tintura que já aqui vos mostrei. Fica, como já referi, nas traseiras do Centro Comercial D. Dinis, numa rua que só hoje vi como se chamava:

“Rua Coronel Artur de Paiva, Grande herói das campanhas coloniais, nascido em Leiria a 9 de Março de 1856 e falecido a 1 de Outubro de 1900 no alto mar quando regressava à Pátria”.

Juro pela alma da minha mãezinha que Deus tem que é este o nome da rua. Tivesse eu uma máquina fotográfica e poderia prová-lo.

Creio que o mistério da tintura se está a desvendar. Perante semelhante nome de rua, o Instituto que enviou a carta deve ter simplificado e, em vez de Grande, escreveram Gandra, gandra rua... Um homem que passava e me viu a tomar nota do nome da rua, comentou:

- Mais um...

- Como? - perguntei-lhe.

- Toda a gente que aqui passa, põe-se a tirar notas ou fotografias dessa placa. Ainda não percebi o que é que escreveram mal.

- Nada! Só que há ruas que nem número têm e esta tem quase um livro.

O homem demorou um nadinha a compreender a piada mas logo me convidou para um copo na tasca mais próxima. Claro que aproveitei, no meio da conversa poderia o nome de JSS vir à baila.

~~~~~

2007-01-08

Apanhei um susto que nem vos conto. Aliás, conto. Estava eu a

preparar as minhas aulas de amanhã, quando oiço algo parecido ao urro de uma fera, bem dentro da minha casa. “Estou feito”, pensei eu instintivamente, algum animal extraterrestre conseguiu penetrar pelo esgoto da sanita, e vai me deglutir num abrir e fechar de olhos. Passado o susto inicial, lembrei-me da falta de água e, com um suspiro de alívio, pensei: “É apenas o regresso da água e o barulho vem do autoclismo, única torneira de controle automático que se encontra aberta”. Fui confirmar e, de facto, assim era. Significa isto que já poderia retomar as minhas investigações nocturnas. Felizmente, já não é necessário andar a chafurdar no lixo porque consegui descobrir o JSS.

Quando fui tomar o copo com aquele senhor que me interpelou na rua, a conversa estendeu-se por diversos assuntos, desde o tempo ao futebol e, como não podia deixar de ser, aos mafiosos dos políticos que nos governam. A conclusão a que todos chegaram, do dono da tasca ao deficiente mental que espreitava à porta, é que andam todos atrás do mesmo: atrás da “tintura”. Tal e qual, atrás da “tintura”, diziam eles. Eu, claro, só podia dar mais ânimo à conversa e repetia em unísono: andam todos atrás da “tintura”. E o Zé é que se lixa. O Zé é que se lixa. O Zè, estão a ouvir, o Zé é que se lixa. O dono da tasca volta-se então para nós e diz: “Coitado do Zé, foi ontem para o hospital”. Fez-se um silêncio sepulcral, que eu acabei por quebrar ao perguntar: “Mas quem é o Zé?” - fazendo-me tonto.

O dono da tasca é que respondeu, os outros estavam todos cabisbaixos:

- É um amigo nosso que vivia ali no n.º 13... Foram dar com ele a espumar pela boca, teve um ataque qualquer e está agora no hospital entre a vida e a morte.

- Era de cá? - perguntei.

- Era como se fosse, já cá está há uma dúzia de anos e era (é) um bom homem. Foi empresário em Lisboa, mas segundo nos contou deram-lhe cabo do negócio.

- Negócio? Que negócio?

- Ele era arrumador de carros e chegava a facturar 200 euros por dia. Depois veio a máfia da EMEL e roubou-lhe a patente. Roubaram, está a ouvir? Roubo puro, grandessíssimos cabrões. Aqui também a coisa está a ir do mesmo jeito. Veja só, ali ao lado do jardim de Camões havia estacionamento com fartura. Mas acabaram com ele, fizeram passeios da largura de um campo de futebol só para ninguém poder estacionar. É claro, têm que fazer render o estacionamento subterrâneo da fonte luminosa.

- Como se chamava ele? Zé quê?

- José Simplício da Silva, salvo erro. Mas era conhecido como o JPP.

- Homessa... Porquê?

- Sabe, quando ele cá chegou, todos queriam saber como é que ele se chamava. Se alguém lhe perguntava pelo nome, ele respondia sempre: "José, porra, pá!" E, num instante, passou de "José, porra, pá" para JPP.

- Bem, esperemos que ele melhore. Gostava de o conhecer...

- Sim, se Deus quiser.

~~~~~

2007-01-09

Vou ao hospital saber do JSS (ou JPP). Levo no bolso o frasco de tintura vazio que apanhei no lixo, para o caso de poder falar com ele a sós. Mas já vi que o JSS não deve andar metido com a máfia porque o prédio onde ele mora é uma casa abandonada, estive lá ontem e, embora só a tenha visto por fora, deu para perceber que não é casa de mafioso, dessas que mais parecem hotéis, com piscinas, campos de golfe, heliportos, vários pisos, *barbecue* e outras mordomias, portões automáticos, video-vigilância, jagunços à porta, carrões e jipes com fartura, enfim, casas sumptuosas que nem os Onassis, os Rockefeller ou os Gates sonhariam ter, mas que os tios portugueses fazem questão de

possuir, e mais do que uma, uma na serra, outra na praia, outra na cidade, e sei lá onde mais.

Mas voltando ao caso da tintura, vi hoje o meu colega, o tal que me parece já andar metido com a máfia porque nunca mais me falou do assunto. Apenas me perguntou, para disfarçar:

- Então como vai o pé?

- Melhor - respondi para ele ficar a pensar que eu já arranjei a tintura.

- E o teu carro? Já anda?

- Que remédio? Sabes, eu moro longe...

- Claro, pá, claro. É preciso fazer pela vida.

Para bom entendedor, meia palavra basta. Percebi logo o que ele queria dizer sem dizer: “arranjaram-me um «tachito» para eu desistir do projecto da tintura de iodo, ou seja, tintura por tintura, antes a tintura fácil do que ter que andar a fazer por ela”. Todos os que têm boas ideias são comprados pela máfia, ou têm um tal medo dela que nem se atrevem a expô-las. É, de certo modo, o meu caso. Mas eu sempre vou trabalhando na clandestinidade, até já tenho a fórmula da tintura de iodo, só me resta arranjar a matéria-prima.

Desconfio que o JSS seja licenciado em Farmácia mas que não tenha tido padrinhos para lhe montarem uma Farmácia. Com a quantidade de licenciados desempregados que há por aí, não me admira que ele tenha optado pela profissão liberal de arrumador de carro, classe profissional que, muito antes da dos juizes, professores, militares, advogados, médicos e farmacêuticos, já sofria a perseguição dos governos e das autarquias, que lhe açambarcaram o negócio, e permitiram a formação de empresas dos tios que facturam uma pipa de massa a cobrar estacionamento em todo o lado, já só faltando inventar estacionamento para peões (cala-te boca, não estejas a dar ideias aos tios).

Boas notícias: o JSS está fora de perigo. Afinal, segundo ele próprio afirmou, estava apenas a curtir uma das muitas carraspanas que tem apanhado ao longo da sua vida. A espuma que lhe saía da boca era apenas tinto fermentado, e não sangue como se chegou a pensar. Todas as análises que lhe fizeram revelaram que tinha ainda sangue suficiente no álcool para poder sobreviver por mais uns anitos. Amanhã já vai ter alta, pediu-me para lhe ir comprar um frasco de tintura à farmácia, e eu fiquei estupefacto com o à-vontade com que me diz isso à frente das outras pessoas.

- Para o pé-de-atleta? - perguntei.

- Qual pé-de-atleta, qual carapuça. É para me passar a ressaca de ontem. Só então compreendi que a tintura dele era outra, bem diferente da minha. Tirei então o frasquinho do bolso e perguntei-lhe, de raspão:

- Isto é teu?

O JSS quase que ia tendo mais um ataque, ao ver o frasquinho de tintura que eu tentava esconder dos outros doentes da enfermaria e mostrar apenas a ele. Ficou branco que nem um cadáver, mas quando regressou ao seu normal, disse:

- Pensei que me tinha visto livre de vocês, mas estou a ver que não me deixam em paz. Confesso, deitei fora o frasco sem me lembrar do que prometera.

Não me dei por achado, entrei logo na jogada:

- Sabes o que é que isso quer dizer?

- Sei, mas, pelo amor de Deus, deixem-me viver, juro que não torna a acontecer. Foi um descuido da minha parte, nunca pensei que fossem remexer no lixo.

- Quantos frascos tens ainda? - indaguei eu em voz baixa.

- Três.

- Onde?

- Vou dizer-te mas em forma de enigma, como mandam as regras: “Gentes corajosas que andaram por África, ao entrar na primeira palhota se esqueceram dos seus haveres. Debaxo da primeira pedra está o que eles tanto procuravam”.

Porra, pensei eu, isto já está a ficar pior que o Código Da Vinci.

~~~~~

2007-01-10

Os caros leitores já deram, decerto, pela minha falta, hoje. Tenho boas razões para só agora ter encontrado vagar para continuar com este relatório. Antes, porém, de começar a contar o que já consegui avançar nas minhas investigações sobre a tintura em geral, devo terminar o relato do dia de ontem que deixei em suspenso depois da resposta inesperada do JSS sobre o paradeiro dos três ou quatro frascos que, segundo parece, lhe estavam confiados. Perguntei-lhe, a seguir:

- E como estão eles?

- Cheios de tintura, claro. Juro que foi por motivo de força maior que eu usei a tintura do frasco que deitei fora. A culpa foi da sarna que eu tratei com a tintura, a minha e a do meu cão.

- Mas pura?

- Não. Deus me livre, ter-me-ia queimado o corpo todo, nem imaginas como eu estava, pergunta ao Manel da tasca que ele te dirá. Já nem o tinto me tirava a comichão e eu não conseguia pregar olho à noite. E o cão também não.

- Onde está ele, agora?

- Deve estar lá em casa à minha espera.

- Tem comida?

- Nem convém que tenha. Ele que apanhe os ratos que há lá com fartura.

Depois desta conversa lá fui comprar uma garrafa de vinho tinto corrente para o JSS, despedi-me dele e saí. Claro que num meio tão pequeno, ter-me-ão visto por lá, e alguém terá estranhado que eu tenha amizades tão, tão, como direi... tão peculiares! Estou-me nas tintas, melhor dizendo, nas tinturas.

...

Confesso que também dormi mal à noite. Mas não foi por causa da sarna nem do pé-de-atleta, mas sim por causa do enigma do JSS. Claro que a ajuda dos leitores tem sido preciosa, a hipótese do Monumento às Descobertas de Belém, colocada pela *bluegift*, é de ponderar. Mas até que ponto ele, o pobre do JSS, ter-se-ia dado ao trabalho de ir tão longe para esconder os frascos? Teria sido um local excelente e insuspeito, sem dúvida. Mas primeiro irei procurar em Leiria, onde talvez encontre algo semelhante às Descobertas de Belém.

...

Hoje, apenas me dediquei à investigação livresca, fui a uma palestra sobre a obra de Adam Smith, *A Riqueza das Nações*, constituída por vários livros (salvo erro, seis) em que o autor traça uma filosofia democrática da riqueza, completamente oposta à filosofia da tintura de iodo hoje em voga. Adam Smith foi um humanista e mandou queimar tudo o que escreveu (creio que já depois de morto) para evitar que dessem uma interpretação parcial e deturpada daquilo que defendia, como muitos adeptos da filosofia da tintura acabaram mesmo por fazer, com rótulos de esquerda ou de direita.

Creio que, para poder dar seguimento às minhas investigações, vou ter que ler a obra, melhor dizendo, a “sobra” de Adam Smith.

~~~~~

Tendo já começado a ler alguma coisa sobre o tio Adam Smith, que nasceu na Escócia e foi baptizado em 1723 na cidade de Kirkcaldy, ou seja, há cerca de 300 anos, pude compreender que ele provocou uma revolução pacífica contra a política mercantilista, revolução que apenas agora está a começar em Portugal, depois de nos outros países já ter havido contra-revoluções e mais revoluções.

Pudera, o tio Salazar, um mercantilista convicto, encheu os cofres do Banco de Portugal com imensa tintura de “ouro”, mas os tios que se lhe seguiram têm transformado a tintura em casarões, palacetes e carrões, ao mesmo tempo que tentam aplicar as teorias deturpadas do Adam Smith, eliminando a influência nefasta do Estado nos seus negócios. O problema é que Portugal tem cerca de 200 anos de atraso (o livro só foi traduzido para Português há pouco tempo) e entretanto as ideias de Adam Smith, considerado o pai da tintura, já estão de tal modo ultrapassadas pelas de outros tios que, derrubado o mercantilismo a 25 de Abril, fez-se em 30 anos todas as revoluções em atraso, do comunismo ao neo-liberalismo, fase em que estamos neste momento bastante empenhados. Digamos que conseguimos acertar o passo com as revoluções mundiais. Noutros campos continuamos atrasados, só agora é que se irá implementar o controle de natalidade por meio do aborto, quando esta política já se mostrou desastrosa noutros países mais avançados como é o caso da Alemanha e do Luxemburgo que dão agora subsídios chorudos a quem parir, e protegem convenientemente a maternidade. Aqui as pessoas discutem ainda se se deve ou não despenalizar o aborto, mas ninguém quer saber do abono de família ou do alargamento da licença de parto para 18 meses em vez de um mês como agora se pratica lá fora. Alargamento da licença de parto para 18 meses? Credo, homem, você quer dar cabo do negócio das creches em que muitos tios e tias apostam? E em que se maltratam e traumatizam os bebés que não foram abortados?

~~~~~

Três dias de molho com gripe, foi o resultado da minha ida ao hospital para falar com o JSS. E tive muita sorte por ter trazido uma simples gripe. Quer me parecer que anda aqui o dedo da máfia a tentar calar-me, vou redobrar de cuidados. Essa ida ao hospital foi-me induzida por algum reclame da máfia na televisão. Poderia ter aguardado que o JSS saísse do hospital e iria falar com ele depois, na casa dele. O que não seria tão perigoso como ir ao hospital, pois, na pior das hipóteses, só traria mais sarna para me coçar.

Como podem deduzir, as minhas investigações andaram paradas. Apenas pude investigar na Internet sobre a vida do tio Adam Smith. O pobre coitado foi raptado por ciganos aos 4 anos de idade. Mas como era de famílias bem, os ciganos foram de tal modo perseguidos que acabaram por abandonar o petiz, que seria então encontrado pelos seus. Não se sabe se os ciganos terão transmitido alguns dos seus segredos ancestrais ao tio Smith, que ele depois desenvolveu na sua Teoria sobre a Tintura das Nações, e que tios posteriores refinaram até se chegar à Super Teoria da Tintura actual. É bem possível. Senão, vejamos: Na alegada sociedade preconizada por Smith, em que gozamos de plena liberdade, passámos a ser constantemente aldrabados; os tios adquiriram comportamentos muito idênticos aos dos ciganos, mas muito mais refinados. Conseguem impingir tudo às pessoas, por métodos bem mais sofisticados do que os dos ciganos que, coitados, ainda tentam sobreviver à custa dos seus métodos arcaicos de persuasão directa em que já muito poucos caem. Os tios usam principalmente os “merdia”, a publicidade enganosa, as notícias para causar pânico, criam necessidades artificiais às pessoas. Depois, são as pessoas que adquirem a febre de comprar. Uma febre que arde durante todo o ano e atinge picos no Verão e no Natal. Os tios portugueses, sabendo melhor do que outros que a febre aumenta no Verão e no Natal, inventaram o subsídio de férias e o subsídio de Natal: retiram às pessoas uma parte do seu ordenado durante todos os meses do ano, excepto em Junho e Novembro, meses que antecedem os picos de febre. Essa tintura volta direitinha aos bolsos dos tios porque

nessas alturas as pessoas não estão nada propensas a poupar.

Bem, deixemos a Super Teoria da Tintura por agora, e delineemos a nossa estratégia para descobrir os três frasquinhos escondidos pelo JSS. Maldita gripe, eu queria ter iniciado logo as investigações porque a máfia não dorme em serviço. A esta hora já deve andar também no encalço da santa tintura. Mas antes de mais, logo que possa vou dar um passeio a pé por Leiria e tentar descobrir a que sítio o JSS se refere. É pena eu não ter máquina fotográfica mas levo caneta e papel e tento registar tudo. Não sei se irei resistir à tentação de comprar uma máquina digital. Estão a ver como é que a máfia actua?

~~~~~

2007-01-13

A palavra de ordem é liberalizar. Tudo o que leve o rótulo de liberalização é bem visto pelo público. Quando se fala em “liberalizar o aborto”, pretende-se, no fundo, dizer que abortar levemente deixa de ser um comportamento hediondo, passando a ser um acto banal e legítimo. Tratar-se-á de uma espécie de morte em legítima defesa. Quem pratica o aborto leviano, fá-lo com premeditação, e a legítima defesa nunca poderia ser invocada porque o feto não atenta contra a vida da mãe. Quando muito a mãe é que imagina que o bebé irá prejudicar a sua vida futura.

Não há argumentos para a defesa da despenalização do crime premeditado, em que a única razão invocada seja “porque eu quero”. O aborto sem razões clínicas de peso é, e continuará a ser, crime, esteja ou não penalizado na lei. A lei é dos homens. Isto faz com que os que defendem o SIM ao aborto estejam sempre em desvantagem. É uma espécie de despenalização do roubo. Não é pelo facto de não se punirem os tios que eles deixam de ser ladrões. E eles sabem disso. Mas não têm a mínima vergonha na cara, e continuarão a roubar. Filhos da puta é o que eles são, ladrões do caralho, agora querem deitar mão ao negócio do aborto em clínicas chiques, e fecham

maternidades para abrir clínicas de aborto “espanholas”. O povo é chamado a pronunciar-se às escuras. Ainda não vi nenhum estudo sobre os abortos para que possa tomar uma posição fundamentada.

Pretende-se que o povo vote por palpite e/ou por princípio. Mas pergunto:

- Quantas pessoas morreram por não terem abortado?
- Quantos abortos se fizeram e quais as respectivas causas?
- A impossibilidade económica de contrariar as causas é que leva à alteração da lei?

Estas e outras perguntas deveriam ser respondidas antes de perguntar às pessoas se estão de acordo que se altere a lei. Mas não, essa questão é apenas para entreter a população, enquanto os tios vão enriquecendo sem justa causa.

## ONTEM

2007-01-14

Não saí de casa, minto, saí para comprar comida e voltei a correr (que é como quem diz, depressa) para o calor do lar. Debaixo ainda dos efeitos de uma gripe que até pensei que pudesse ser a famosa gripe das aves, vi-me obrigado a ir procurar comida porque deixei esgotar o stock.

Coincidência ou não, esta gripe veio na sequência de um jantar de frango guisado com massa. Fiquei preocupado e fui à procura ainda do TAMIFLU na nova farmácia que abriu aqui ao pé da minha casa. Se julgam que vou dar início a uma nova saga, julgam mal. TAMIFLU havia com fartura e só não trouxe porque o dinheiro que tenho para aguentar até ao fim do mês nem chega para pagar a embalagem vazia, quanto mais o remédio. O empregado de farmácia que me atendeu de forma tão simpática foi pago com um sorriso amarelo e um “muito obrigado, era só para estar prevenido para o caso de ser preciso”.

Manietado pela gripe, descurei a investigação em curso do paradeiro da tintura de iodo. Apenas tento ligar as pontas todas do grande mistério da tintura com os antecedentes históricos, tendo chegado àquele que é considerado ser o pai da tintura, um tal de Adam Smith, escocês - têm fama de somáticos, os escoceses. Vejam só o que a

gente descobre sobre a origem das coisas...

Andei, pois a ler aqui:

<http://www.economiabr.net/biografia/smith.html>

sobre o tio Smith. Achei piada ao que ele pensava sobre a educação:

### **A melhor educação**

*No Artigo II do Volume II do "Riqueza" diz Smith que também as instituições para a educação podem propiciar um rendimento suficiente para cobrir seus próprios gastos. Ele não se ocupa de se é dever do Estado propiciar educação gratuita aos cidadãos. Ele apenas garante que, se esse for o caso, infalivelmente será a pior educação possível. Ele coteja o ensino particular com o público, este último exemplificado com o péssimo ensino que viu em Oxford, universidade onde os professores tinham seu salário garantido, mesmo que sequer dessem aulas. Quando o professor não é remunerado às custas do que pagam os alunos, "o interesse dele é frontalmente oposto a seu dever, tanto quanto isto é possível"... "é negligenciar totalmente seu dever ou, se estiver sujeito a alguma autoridade que não lhe permite isto, desempenhá-lo de uma forma tão descuidada e desleixada quanto essa autoridade permitir". Nesta situação, mesmo um professor consciencioso do seu dever, irá, segundo Smith, acomodar seu projeto de ensino e pesquisa a suas conveniências, e não de acordo com parâmetros reais de interesse de seus alunos.*

~~~~~

2007-01-15

Foi mais um dia para esquecer, aliás é o que temos que fazer com o passado porque, se o passado já passou, de que vale andarmos a lembrar-nos de coisas tristes? Para coisas tristes bastam as que estão ainda para acontecer e são muito piores: o custo de vida vai aumentar,

o desemprego vai aumentar, os combustíveis vão aumentar, a electricidade vai aumentar, etc.. Em contrapartida, muita coisa vai diminuir, os ordenados principalmente, porque seguem as leis do mercado, se o desemprego aumenta, as pessoas passam a aceitar ganhar cada vez menos. Algumas há que até pagam para trabalhar, pedindo dinheiro aos pais e familiares, que passam a viver com cada vez menos tinta. É o caso dos professores estagiários, dos advogados estagiários e de outros que, sob a desculpa de andarem a aprender, são explorados até ao tutano. Os advogados estagiários são moços (e moças) de recado, dactilógrafos(as), secretários(as) de advogados de renome que ganham rios de dinheiro com a máfia da tinta, aparecem na televisão e tudo, a arrotar postas de pescada quando o trabalho é todo feito por estagiários que sonham um dia poder vir a ter os mesmos privilégios que o patrão que é um génio.

Génio? Neste momento cem mil cérebros se concebem em sonho génios como 'eles', e a história não marcará, quem sabe?, nem um, nem haverá senão estrume de tantas conquistas futuras.

In *Tabacaria* de Fernando Pessoa

Mas ontem, dizia eu, foi um dia para esquecer. Fiz tudo o que podia ter feito, isto é, praticamente nada. Apenas tratei de sobreviver, o que, parecendo pouco, nos dias que correm se torna cada vez mais difícil. A minha imaginação posta ao serviço da poupança já vai sendo escassa. Pus a roupa a lavar na máquina (que felizmente ainda não se avariou), sem o detergente recomendado pelo fabricante que é membro notório da máfia. Eu corto três ou quatro fatias finas de sabão azul e misturo na roupa. Se for branca, depois de iniciada a lavagem adiciono meio copo de lixívia.

A roupa fica impecável e a cheirar a lavado. Mas como a meta do governo é levar as pessoas a sobreviver com menos de um dólar por dia, estou a ver que tenho que inventar novas soluções, talvez uma tábua de lavar na banheira seja a melhor solução, gasta-se menos água e electricidade. Mas o melhor melhor é estar calado, alguém do governo pode ler e dar-se conta que ainda pode lançar um imposto

sobre o sabão azul ou mais uma taxa sobre a água, e todos os meus esforços terão sido em vão.

~~~~~

2007-01-28

Fui a Lisboa, não pensem que eu desisti do caso da tintura de iodo, tenho é tido muito mais cuidado com o que digo porque a máfia nunca dorme e já consta por aí que alguém pretende tirar as coisas a limpo. Senão, vejamos:

Pretendia ir de autocarro e antes das cinco já me encontrava em frente da bilheteira dos ditos. Porque achava eu que, se partisse no autocarro das cinco, chegaria bem a tempo ao jantar em Odivelas onde iria encontrar-me com pessoas dispostas a ajudar a desvendar o mistério da tintura. E qual não é o meu espanto quando me informam que o autocarro só partia às seis, e ia pela EN1 e não pela autoestrada, chegando já depois das oito, o que não se coadunava com uma chegada pontual ao encontro. Macacos me mordam se aqui não anda a mão da máfia, pensei eu para comigo. Não me dei por vencido e fui alugar um carro. Mas só quando cheguei ao local do aluguer é que me dei conta que não tinha o livro de cheques para passar o cheque necessário da “franquia”. Lá tive que apanhar um táxi para dar uma saltada a casa. A coisa estava a ficar difícil, mas lá se resolveu e parti, de carro, antes das seis da tarde. Sei disso porque às sete já eu estava a tomar um café na última estação de serviço da A8, em Loures, muito perto do destino.

Porém, só cheguei perto das nove ao encontro porque a máfia, a partir desse instante, conseguiu provocar-me um atraso de duas horas, circulando pelas muitas estradas que hoje abraçam a capital e que nos levam a todo o lado, menos àquele a que queremos ir. Mas lá consegui chegar, estava a malta já receosa que a máfia tivesse conseguido os seus intentos, de me desviar do objectivo definido: a busca da santa tintura. Obrigado pela calorosa recepção, meus amigos, juro que não foi premeditado...

O jantar decorreu em bom ambiente e foram delineadas metas importantes a alcançar no projecto de descoberta da tintura de iodo.

~~~~~

2007-01-29

Andei a matutar sobre o jantar de anteontem. A malta de Lisboa ficou encarregue de procurar por lá os três frascos de tintura que estavam em poder do JSS, e cujo paradeiro ele me revelou em charada. Lembram-se ainda?

“Gentes corajosas que andaram por África, ao entrar na primeira palhota se esqueceram dos seus haveres. Debaixo da primeira pedra está o que eles tanto procuravam”.

Gentes corajosas que andaram por África? Terá alguma coisa a ver com retornados? De facto, em Leiria há muitos retornados, alguns já restabelecidos, outros nem tanto. Hoje falei com um deles que anda no desemprego (alguma fábrica que fechou) e disse-me que tem que aceitar trabalhos provisórios, nove meses aqui, nove meses ali e vai rodando por tudo quanto é edifício público, a prestar serviços auxiliares. Vai daí, perguntei-lhe: “E porquê nove meses? Isso tem alguma coisa a ver com gravidez?”. “Com certeza!”, respondeu-me ele, estamos todos fodidos. E pôs-se a recordar a vida em África, ah que saudades daqueles tempos, ele até nem era rico, sempre foi um funcionáriozeco... “Mas vivia-se bem”, dizia ele, “sem preocupações, o futuro não metia medo a ninguém”. E toca a descascar no Mário Soares que lhe vendeu a sua Angola, Sócrates apanhou também por tabela, eles são todos corruptos, são uns vendilhões da Pátria, não descansam enquanto não destruírem Portugal por completo, devem ter alguma espinha atravessada na garganta e fizeram isso tudo por vingança..., etc., Rosa Coutinho, Otelo, etc., aquela conversa de retornado que todos já conhecemos bem. E continua, “encheram-se à grande e à francesa, o filho dele andava metido em tráfico de diamantes quando teve o acidente de avião, os senhores do mundo é que decidem as coisas a seu bel-prazer, fazem os seus negócios de petróleo, ouro,

diamantes, tudo bem camuflado com ideais revolucionários ou democráticos. Mas andam todos é atrás da tintura, e o Zé é que paga as favas”. Quando ele me falou da tintura e do Zé, senti-me tentado a perguntar-lhe se conhecia o JSS, mais conhecido por JPP. Mas apenas lhe perguntei se ao menos tinha onde morar, ao que ele disse que sim, morava, por ironia do destino, na Av. dos Heróis de Angola. Olá...! A coisa promete. Cheguei, sem querer, ao significado oculto na primeira parte da charada do JSS:

Av. dos Heróis de Angola, será ali que o JSS escondeu a tintura?

~~~~~

2007-01-30

Ainda não fui à procura da palhota onde supostamente se esconde a tintura do JSS. A charada refere a primeira palhota, que suponho ser a primeira casa da rua. Tenho uma vaga ideia que essa casa é uma ruína. Se for, é um excelente esconderijo, tão bom que nem vale a pena ir lá procurar sem um cão farejador de tintura. Um cão da marca Azevedo, Champalimaud ou, melhor ainda, Gates; são cães que conseguem sentir o cheiro da tintura a léguas. E onde vou eu arranjar um cão desses? Está visto que por aí não vou a lado algum. Entretanto vou imaginando outras possibilidades de descoberta da tintura. Felizmente o pé-de-atleta, com o frio que tem estado, deixou de incomodar tanto. Fica provado que é o calor e a transpiração que permitem o desenvolvimento do fungo e, por este andar, qualquer dia muita gente caminhará pelas ruas com os pés enfeitados de cogumelos, tal a falta de tintura que se vislumbra no horizonte.

Os culpados são, sem dúvida, aqueles que pegaram nas ideias do tio Adam Smith e as empolaram de tal forma que, em vez de haver muitas pequenas e médias empresas de produção de tintura, há hoje poucas e grandes empresas multinacionais que açambarcam a tintura toda, deixando ao Zé o estritamente necessário para que elas próprias, empresas, possam continuar a sobreviver. É uma situação muito parecida com a que se vivia nas roças das ex-colónias. Depois de

abolida a escravatura, os escravos das roças já não eram escravos, passaram a chamar-se empregados, trabalhadores, etc. e recebiam um salário. E o que faziam eles com o salário? Adquiriam bens na cantina do dono da roça. Mas, inevitavelmente, começavam a comprar mais do que o salário permitia pagar. Nesse tempo ainda não havia cartões de crédito, era o patrão que tinha uma lista onde apontava as dívidas dos seus escravos; o princípio era exactamente o mesmo do dos cartões de crédito que as pessoas hoje exibem como símbolo de status. E com que orgulho algumas pessoas mostram o seu cartão de escravo!!! Bem, depois de endividado, a diferença entre o “trabalhador por conta de outrem” e o escravo é a mesma que existe entre urina e xixi.

~~~~~

2007-01-30

Há um problema de que ainda não falei nesta saga da tintura de iodo: já o tio Smith tinha constatado que os escravos são muito mais férteis que os tios, talvez para compensar a elevada taxa de mortalidade infantil dos escravos. Entre os pastores da Escócia era comum uma mulher parir uma vintena de filhos e só sobreviverem meia dúzia ou menos.

Experiências com ratos demonstraram também que os mal alimentados procriam mais do que os anafados. Devido a este desequilíbrio que se estabelece entre o número de escravos e de tios, os tios começam a temer pela sua segurança, os níveis de pobreza começam a ser tais que, temendo a revolta dos escravos ou o recrudescer da criminalidade, os tios inventam formas de controlar o aumento da população de escravos. Valem-se de uma argumentação que leva os escravos a pensar que as medidas que pretendem impor lhes são mesmo favoráveis.

É assim que em Inglaterra, durante a revolução industrial, quando a classe de escravos começou a aumentar perigosamente, começaram a capar os escravos para que estes não pudessem procriar e criar condições para a revolução do proletariado, nome que o tio Marx

resolveu dar aos modernos escravos das sociedades industrializadas. Foi ele também que inventou o nome de “luta de classes”, que os tios dizem que é pura inveja e a inveja é, como se sabe, um pecado mortal e as pessoas não gostam de ofender a Deus.

“Mudam-se os tempos, mudam-se as técnicas”. Hoje em dia os tios defendem que a castração dos homens é um acto bárbaro, preferem deixar os ratos à solta, até porque o sexo já não é tabu nenhum, e muitos negócios dos tios baseiam-se no sexo (cinema, televisão, revistas, internet, etc.) mas propõem o aborto como complemento da castração moderada, coisa que até os tios que se reclamam apóstolos do tio Marx aceitam e são, paradoxalmente os seus mais fiéis defensores. A castração chama-se, hoje em dia, mudança de sexo.

Felizmente Portugal sempre viveu um pouco à margem destas coisas que afectaram os países ditos desenvolvidos do Centro-Norte da Europa onde já experimentaram disso tudo e com muito maus resultados. A dita liberalização do aborto, bem como as centrais nucleares, chegam tão tarde que agora já são desnecessárias porque a técnica entretanto evoluiu e o aborto já pouco ajuda os tios a controlar o número de escravos. Talvez a promoção da homossexualidade e da transsexualidade (outro nome que dão à castração) seja mais promissora, há tios que apostam mais nestas formas de evitar a procriação dos escravos.

Em último recurso os tios podem ainda desencadear guerras mundiais, cujo principal benefício é tornar a relação tios-escravos menos perigosa. A prova é que a tintura, a seguir às guerras, se reproduz maravilhosamente. Mas, para haver uma guerra em grande estilo, há que aproveitar os ânimos de escravos à beira da revolta, canalizando essa revolta contra outros povos. Os escravos que morrem nas guerras são promovidos a mártires e os que matam muitos inimigos passam a ser uns heróis.

Mártires? Isso deu-me uma ideia. Amanhã já vos conto.

Como prometi ontem, vou revelar-vos a ideia que me surgiu na sequência das minhas divagações altamente científicas, baseadas em teorias da tintura iniciadas pelo tio Smith, que outros tios aproveitaram para justificar a perpetuação da escravatura, embora lhe tenham mudado o nome para não chocar demasiado as consciências dos escravos que, quer se queira quer não, estão hoje um nadinha mais despertas que há 200 anos atrás.

Evita-se o termo escravatura, substituído por designações como trabalhadores por conta de outrem, massas assalariadas, funcionalismo público, *staff*, etc.. É certo que alguns escravos de hoje conseguem ter uma vida bem melhor que os de antigamente, isso graças ao avanço da técnica que permite fazer uso da energia existente na natureza para substituir o trabalho humano, perdão, escravo.

Por acaso já se deram ao cuidado de pensar como passaríamos os escravos a viver se a electricidade, o gás, o petróleo e o carvão acabassem e não tivéssemos redes de distribuição de outras formas de energia alternativas? Já pensaram que sem energia nem sequer água haveria nas torneiras em nossas casas? Teríamos que despender muito mais esforço físico para as tarefas do dia-a-dia, lavar a roupa à mão, acarretar lenha, transportar água, comida, aquecer a água para o banho, etc. e tal. Adeus televisão, adeus cinema, adeus transportes motorizados, adeus viagens. Costumo dizer que, sem energia, as sociedades que se arrogam de civilizadas mergulhariam na mais profunda barbárie. Algumas técnicas que apurámos mercê da abundância energética em que andamos a rebolar poderiam ajudar a desenvolver soluções menos trabalhosas que as que se usavam antigamente, mas um corte abrupto das fontes energéticas implantaria o caos nas nossas vidas e na dos tios todos. Um simples apagão é logo aproveitado para roubar e pilhar... Se agora a criminalidade já é o que é, com tendência a piorar, quanto mais se a energia acabar. E os tios não sabem disso? Claro que sabem, e sabem que uma das formas de se protegerem é ir tentando manter as coisas de modo a que não sejam engolidos também no caos. Precisam ter controle sobre a energia e

sobre os escravos. Ora, se a energia tende a escassear, o número de escravos tem que, forçosamente, diminuir. Como? Já ouviram falar da cultura da morte? Aborto? Eugenia? Eutanásia? Planeamento familiar? Ora aí está!

A ciência da tintura reclama os seus mártires, os heróis são os tenazes combatentes da **CULTURA DA MORTE**.

~~~~~

2007-02-01

Encontrei o JSS ontem de manhã, andava ele a ver se fazia pela tintura a arrumar carros no centro de Leiria. Mal me viu fez tenção de fugir, mas fiz-lhe um sinal de que nada havia a temer e ele acabou por me dar troco.

- Como vai isso? - perguntei-lhe.

- Mal, muito mal. Já me vejo aflito para sacar tintura à malta. A maioria finge que não me vê, coitados, não os levo a mal porque agora já só há parqueamentos pagos e resolveram encurtar os tempos de estacionamento. Anda tudo em *stress* para não deixar passar o período, e a bófia não perdoa.

- E os frascos de tintura?

- Continuam no mesmo sítio que eu te disse. Isso, se vocês não foram já lá buscá-los.

- Alguém mais te contactou?

- Não! Porquê?

- Por nada! Só queria saber se a máfia do Betadine também anda metida nisto.

- Não, os gajos do Betadine andam com negócios mas é fora do país, mas a mando da máfia da tintura de que eles são apenas lacaios.

- Ai é? E pode-se saber onde?

- Não lês os jornais? Não vês a televisão? Os gajos andam pela China...

- Ah, pois! Um tal de M. Pinho que foi com o JS anda a sair-se muito bem.

- Ah! Sempre sabes alguma coisa, afinal. Ouve lá, e já decifreste o enigma?

- Estou a fazer progressos. Estou já convencido que a tintura não se encontra em Leiria. Aliás, a tintura tem tendência a concentrar-se nas capitais. Estive em Lisboa e já tenho alguns cúmplices no encalço da maldita.

- Espero que seja gente de confiança... Bem, vocês da máfia da tintura são muito unidos.

- Quer me parecer que são de confiança. Mas a malta de hoje em dia é tramada para a tintura. Mal se apanham com ela, podem virar a casaca e passam a fazer parte da máfia. No outro dia, um colega meu em quem eu depositava muita confiança, professor de Química, descobriu por meu intermédio o segredo da preparação da tintura e fechou-se em copas. O gajo diz que se acabou o iodo no laboratório. Eu finjo que acredito e que me desinteressei do assunto para que ele não me denuncie à máfia. Passou-se para o lado deles.

- O quê? Então tu não és da máfia? Ainda bem, pá, ainda bem.

Foi um deslize da minha parte, mas prefiro até ter o JSS do meu lado do que deixá-lo convencido de que eu pertença à máfia. Podia ser que ele, assim, se abrisse mais comigo. Dito e feito:

- Sabes, pá, foi tudo invenção minha. Não havia tintura alguma, aliás, acabou-se-me a tintura por completo. Ela anda agora tão arredada que é como procurar agulha num palheiro. Eu, se fosse a ti, desistia de procurar. A coisa é assim: a malta anda toda atrás da tintura, mas ela é tão rara que quando alguém consegue alguma e a

consegue fazer render, fecha-se em copas e ardeu. Não viste o que se passou com o teu colega? Todos os que descobrem o segredo da tintura, passam-se para a máfia. São raros os que perseguem objectivos nobres diferentes dos da máfia. Talvez uma excepção seja aquele gajo que ganhou o prémio Nobel da Paz no ano passado mas que devia ser o Prémio Nobel da Tintura. Como é que ele se chama?

- Muhammad Yunus?

- Esse mesmo!

~~~~~

2007-02-02

Não acabei de vos contar acerca da minha frustração, ao saber da boca do JSS que afinal ele não tinha tintura alguma escondida. Porém, fiquei intrigado com o frasco vazio que ele deitou fora, e voltei à carga:

- Acredito que não tenhas frascos de tintura escondidos. Então e aquele que eu apanhei no lixo?

- Aquele frasquinho de tintura foi a herança que eu recebi dos meus pais. Mas como só atraía mafiosos, resolvi livrar-me dele. Nem imaginas o que as pessoas são capazes de fazer ao seu semelhante por uma gotinha de tintura. A tintura, isto é, a propaganda que dela fazem os “merdia”, leva as pessoas a pensar que tudo se pode pagar com tintura e que a felicidade depende apenas dela. Enganam-se. Já o meu venerado JC dizia aos seus apóstolos: “Nem só de tintura vive o Homem”.

- E o pé-de-atleta? Pode-se curar sem tintura?

- Claro que sim, tens que é que ter sapatos arejados assim como os meus - e levantou um pé para eu ver os buracos laterais de ventilação.

- Realmente, não me tinha ocorrido essa possibilidade. Trata-se de uma forma de energia renovável, só espero que a máfia não se

lembre de lançar um imposto sobre os buracos dos sapatos para tapar os buracos do OGE.

- A máfia tem agora mais em que pensar, andam em altas manobras da tintura com a China, enquanto estamos todos entretidos com a questão do aborto de que eles se servem para aquecer os ânimos, mas que gostariam de ver liberalizado para poderem fazer um negócio da China com as clínicas de aborto. Coitado é de mim, José Simplicio da Silva, ao menos se tivesse um apelido de Azevedo, Salgado, Espírito Santo, Jardim, Mello ou outro do mesmo calibre era só dar um pontapé numa pedra e jorrava tintura - e conforme diz isto, atira com um pontapé numa pedra que lhe abre mais um buraco no sapato e...

- Porra, pá! - exclama ele, contorcendo-se de dor no pé.

- Olha lá, um pouco de tintura fazia-te agora um jeitão.

- Lá isso é verdade! Chiça!

~~~~~

2007-02-02

### **Sermão às baratas**

Dedicado ao ministro da Tintura M. Pinho, por nos ter vendido como "baratas" aos chineses.

*Carérrimas baratas,*

*Vós, que antecedeis os tios e os precedereis depois que estes se banirem da face da Terra num holocausto nuclear, sois pisadas por eles e espremidas como coisa vil que estais longe de ser. Que estais tão longe de ser como os fetos de futuros homens que eles, os tios, matam de forma atroz, por aspiração, por maldição ou por intoxicação, apenas porque lhes dá na real gana de matar. Apenas porque não querem assumir a sua condição de baratas espezinhas e maltratadas por outros seus semelhantes que nasceram com o rei na barriga, e para quem a disseminação das baratas causa prejuízo de tal monta que, se pudessem, as*

*exterminariam impiedosamente e para todo o sempre, para que eles, os iluminados, os seres superiores de raça superior, pudessem imperar, não só aqui neste planeta a que chamam Terra, Terra que os pariu, mas em todo «o sistema solar, Via Láctea e o Indefinido...» (Fernando Pessoa).*

*Mas os tios, mercê da inteligência que lhes foi outorgada por Deus, o Criador, vão acabar os seus dias numa catástrofe gerada por eles, em que nenhum ser vivo continuará a sê-lo (vivo), excepto vós, as baratas que conseguis resistir aos holocaustos e ao Inferno Nuclear que se avizinha, e que sois insensíveis aos métodos de controle de natalidade dos tios, e vos reproduzis que nem baratas e vos estais marimbando para a sorte dos tios, seres eleitos de Deus mas que Dele se querem afastar a passos largos. Que vão para a puta que os pariu.*

~~~~~

2007-02-03

Fui pagar a renda de casa. Estava a funcionária da agência de arrendamento a passar o recibo quando se ouviu um barulho de martelo pneumático na casa contígua à agência. Logo me saí com o seguinte comentário espontâneo:

- O quê? Aqui também estão em obras? O apartamento colado ao meu anda também em obras e já não consigo trabalhar em casa durante o dia. Vejo-me obrigado a passar o dia todo na escola.

Responde a senhora da agência:

- Isto tem sido um autêntico inferno. Desde o princípio da semana que andam nisto.

- Engraçado! As obras lá do prédio também começaram no princípio desta semana.

- Uma maçada, já lá fomos pedir-lhes que deixassem os barulhos para o fim-de-semana mas eles responderam que não gostam de

trabalhar ao fim-de-semana.

- Ainda bem para mim, espero que aqueles escravos que trabalham lá no prédio sejam da mesma cepa.

- Ah, pois... Não me lembrava dos residentes neste prédio que trabalham durante a semana.

- E o que é que estão a fazer na loja do lado?

- Sabe, aquilo era um restaurante onde se comia bem e barato. Mas agora foi vendido a um banco. Até dá jeito ter um banco ao pé, mas este barulho incomoda bastante.

- Claro, claro. As pessoas já começam a adquirir hábitos saudáveis de não encher o bandulho ao almoço, trazem uma sandes de casa e depois vão tomar a bica ao café. É a globalização.

Talvez ela não me tenha entendido mas abanou a cabeça em sinal de concordância. Saí da agência e regresssei à escola, ainda teria que esperar até às seis da tarde para poder regressar a casa. Fui rezando pelo caminho, e pedindo aos Céus que me arranjassem um canto sossegado onde pudesse trabalhar em paz.

Mas o assunto da tintura não está esquecido, ainda não me dei por vencido.

~~~~~

2007-02-04

Voltei à baixa de Leiria, mais precisamente à Av. dos Heróis de Angola, que agora está cheia de heróis vindos de outras partes do mundo, porém com um espírito muito semelhante aos que daqui demandavam as terras de África: carência de tintura. Aliás, toda a Europa está na mira dos famintos de tintura de todo o mundo.

Com os imigrantes da África lusófona e do Brasil já convivemos há muito tempo. Porém, muito poucos dos vindos dessas paragens conseguem chegar sequer ao cheiro da tintura. E aqueles que por acaso

chegam são, em geral, os que não vieram com uma mão à frente e outra atrás, como é o caso do manda-chuva da TAP ou do treinador nacional. Esses já cheiravam tintura na sua terra e foram chamados por um cheiro mais intenso, porque a tintura vicia e a tintura atrai tintura.

Pretos, não conheço um sequer que tenha chegado a destacar-se na máfia da tintura, excepto algum apresentador de televisão para mostrar que nós até nem somos racistas e damos oportunidades a toda a gente, independentemente do seu credo, religião, raça e orientação sexual. Se os pretos aprendessem como actuam os homossexuais, hoje a maioria dos deputados era negra e muitos dos governantes também.

Ia-me esquecendo de falar do nosso ministro do caos interno que é preto, mas não de África. Dizem que é “monhé”, os “monhés” sabem como as coisas funcionam, estão organizados como os homossexuais e conseguem impor-se mais ou menos. Chineses? Hum, só se for aquele ministro da tintura que nos vende como baratas aos seus.

Mas deixemos a máfia em paz e deixem-me contar-vos acerca do ambiente cosmopolita que se vive em Leiria. A maioria das pessoas já só compra nas lojas dos chineses; alguns tios ou os que pretendem fazer-se passar por tios é que não se atrevem a pôr lá os pés, não vá alguém vê-los (Leiria é um meio pequeno ainda) e pensar que são uns pelintras. Até os meus colegas professores fazem questão de dizer que têm óculos de 500 euros (ou mais) e que no chinês custam 2 ou 3 euros e fazem o mesmo serviço, caso contrário não estariam agora a ler isto aqui no visor.

Nos cafés, e em vários outros pontos de venda, papelarias, talhos, supermercados, etc., a maioria dos empregados é brasileira, sendo o Brasileiro a quarta língua mais falada em Leiria, a seguir ao Russo, o Chinês e outra língua do Leste europeu. De tal modo que seria politicamente correcto que se passasse a ensinar o Russo e o Chinês nas escolas, porque afinal o Português tende a ser uma língua morta que, tal como já acontecera ao Latim, só se usa agora em documentos oficiais que nem sequer se encontram traduzidos, o que só complica a vida dos de Leste e dos Chineses.

Não saí de casa. Porquê? Ainda perguntam? Resolvi seguir o conselho do JSS e passei a ler os jornais e a ver televisão. Ora, segundo os jornais que eu li, a gripe das aves já chegou a Inglaterra e há 900 trabalhadores portugueses com medo de serem despedidos do aviário de perus onde trabalham. Com a gripe eles não estão nada preocupados, preocupam-se é com a tintura que vão perder porque eu e outros vamos deixar de comer perus (eu nunca gostei de perus, só comia por ser barato). Agora, enquanto não chegar a gripe dos porcos, só vou comer carne de porco, vacas não porque andam loucas e há muito tempo que não como vacas, e bois nunca.

Estão a ver como funciona este mercado das grandes empresas? Basta um espirro de um peru para pôr quase mil pessoas na miséria. O tio Smith nunca defendeu grandes empresas, acho que ele era favorável a muitas e pequenas empresas. Mas isso vai contra os princípios das pessoas que acham que têm direito ao melhor e não pode haver vários melhores, há sempre um que é o melhor dos melhores. Por exemplo, os relógios Rolex são, sem dúvida, os melhores porque se não fossem os melhores como se justificaria serem tão caros? Por isso, e porque todos os que podem ter um Rolex devem poder ter um Rolex, a Rolex tem que produzir mais e as empresas crescem porque é o mercado que pede para crescerem.

E os perus? O que é que os perus têm a ver com relógios Rolex? Tudo, os perus têm tudo a ver com os relógios porque eles também são produzidos para abastecer o mercado e, se o peru adquirir fama de ser o melhor peru, ele será o que mais lucro dará ao produtor porque este pode vendê-lo a preço superior ao dos outros.

Porém, no melhor pano cai a nódoa. Se correr o boato que os relógios Rolex fazem cancro, já mais ninguém quererá ter um Rolex, imediatamente a cotação da Rolex International cai nas bolsas e passamos a comprar Rolexes por tuta e meia na feira, mas autênticos.

Desculpem-me os senhores tinturistas de eu estar aqui a

desvendar alguns dos segredos da tintura à malta.

~~~~~

2007-02-07

Em suma, à medida que o globo aquece, a tintura vai evaporando dos mercados para condensar nos locais ricos em tintura, seguindo uma lei da natureza que ainda não foi bem estudada mas que qualquer pessoa pode constatar nos azulejos da sua cozinha. Reparem que a gordura que se evapora dos tachos não se distribui uniformemente pela superfície dos azulejos, formando pelo contrário pontos onde se vai adensando e, se de vez em quando não se limpar, esses pontos vão ficando mais e mais gordos, deixando a maior parte da superfície limpa. Assim como gordura atrai gordura, também a tintura atrai tintura e ela acaba por ir parar sempre aos mesmos pontos que ficam sempre mais e mais gordos. Como a tintura não nasce espontaneamente do chão, ela tem que ser produzida com trabalho mas evapora-se rapidamente. A máfia mantém sempre o aquecimento global para que toda a tintura produzida possa evaporar-se e condensar nos pontos gordos.

Por isso é que cada vez mais se ouve falar da globalização e do aquecimento global. Os combustíveis são, como se sabe, excelentes fontes de aquecimento que fazem evaporar a tintura das pessoas. As empresas de combustíveis andam a condensar cada vez mais tintura, salvo erro a Shell conseguiu arrecadar mais 21% de tintura do que no ano passado, e com menos combustível.

Porém, como diz o JSS, as pessoas deviam aprender a viver sem tintura e não produzir tintura mas aproveitar sim a energia do vento para curar o pé-de-atleta, evitando, desse modo, que haja exploração da tintura alheia. Pode-se aqui parafrasear o tio Marx, dizendo que não se deve permitir a exploração da tintura pela tintura, mas desde que se produza tintura ela, inevitavelmente evapora e condensa nos pontos gordos, é uma lei irrefutável da natureza.

E aqui termina o capítulo Ontem da Saga da Tintura. Haverá um

capítulo chamado Amanhã? Amanhã veremos...

~~~~~



## AMANHÃ

2007-02-08

Amanhã, depois de liberalizado o aborto, o desemprego vai diminuir. Se o desemprego diminuir, a “mandobra” vai custar mais, de acordo com uma lei do mercado bem conhecida dos tios. Se agora muitos tios estão a favor do aborto é porque temem pela sua segurança pessoal, não querem correr o risco de serem assaltados, violentados ou mesmo mortos pelos miseráveis que não deviam ter nascido, gente que alguns tios mete na droga e que já não cabe nas cadeias e estas consomem alguma tintura. A pulseira electrónica não tem dado os resultados esperados, os criminosos descobrem sempre forma de se livrar dela, a solução é mesmo deixar os pobres abortar à vontade para ver se o número de desempregados se consegue manter em limites aceitáveis. Mas não é de hoje para amanhã que vamos sentir os efeitos da liberalização do aborto, creio que se impõem medidas urgentes que possam reduzir a massa assalariada que já hoje é excedentária e muita dela, a especializada em 'especial', procura emigrar se puder, o que também já não é solução na medida em que os tios de todo o mundo já aprenderam a explorar os emigrantes; emigração é chão que já deu uva.

Impõe-se, agora, tomar medidas drásticas. O conceito de

liberdade carece de nova revisão, a vida é um bem que pertence ao indivíduo, e só a ele, que pode fazer dela o que bem entender. Ora, assim como a mulher grávida tem 10 semanas para decidir se deixa vir ao mundo um futuro candidato a desempregado, os desempregados deviam poder beneficiar também de um prazo idêntico para procurar trabalho. Caso não encontrassem trabalho, ser-lhes-ia legítimo pedir a alguém que os matasse, desde que a morte ocorresse em estabelecimento devidamente acreditado para o efeito.

Uma medida que não se pode adiar por mais tempo e que devia ser tomada já amanhã.

~~~~~

2007-02-10

Apesar de a Humanidade ter, já hoje, todos os meios para podermos viver num mundo verdadeiramente civilizado, sem guerra, sem actos de selvajaria, sem miséria, sem atavismos, sem manipulação, etc., a maioria das sociedades aposta na manutenção e perpetuação da barbárie. A sociedade portuguesa de amanhã não me parece vir a ser muito diferente das sociedades que estão muito mais à frente no progresso, onde o aborto já permitiu transformá-las em sociedades de velhos e pouquíssimos jovens que têm que trabalhar imenso para sustentar a massa geriátrica que não cessa de aumentar. E os sociólogos debruçam-se sobre o fenómeno do envelhecimento da população, os governos aumentam as idades de reforma, as famílias tradicionais são hostilizadas para que as crianças possam crescer em ambiente adequado ao futuro que se avizinha: o “progresso”, que outra coisa não é senão a nova barbárie.

Portugal, mercê da sua situação à margem das sociedades progressistas, tem conseguido escapar ao “progresso”, mas com o actual governo vai entrar numa era de modernidade sem precedentes, daquelas em que cada pessoa passa a viver só, em que os poucos jovens que escapam ao aborto legal são criados em lares geridos por homossexuais e depois se transformam em pessoas bestiais

(comportamentos semelhantes a bestas). Esta situação pode já constatar-se nos países que o Socken (Sócrates em alemão) considera “progressistas”.

Acham que estou a exagerar? Não, eu vivi na Alemanha Ocidental (“progressista”), antes da queda do muro e no prédio velho de 4 andares onde eu morava só havia dois casais, os restantes 6 apartamentos eram ocupados por pessoas acima dos trinta anos que viviam sós à excepção de uma moradora que era mãe solteira, médica mas desempregada. Quatro dos apartamentos do prédio (metade) eram ocupados por idosos e reformados. Apenas três dos ocupantes, eu e mais dois, tínhamos emprego certo. Os restantes viviam das reformas e de apoios da segurança social. Aquele prédio era o espelho da nação “progressista”, porque aquilo que os moradores empregados descontavam dos seus ordenados era precisamente o que os outros recebiam da segurança social.

Uma medida que devia ser tomada já amanhã era a de carrinhos de supermercado mais pequenos, tais como os que existiam na Alemanha quando eu lá estive. Aqui os carrinhos ainda são umas coisas enormes que não dão jeito nenhum, quem só vai comprar umas salsichas e uns ovos para jantar tem que andar com as coisas na mão porque nem cestos há, só uns carros enormes que as pessoas têm vergonha de usar porque as suas compras dão o ar de pelintrice quando afinal é o resultado do progresso sócrático.

~~~~~

2007-02-11

Quando, amanhã, os portugueses se derem conta que foram burlados pelos apoiantes do SIM, que cantam vitória porque cerca de 25% dos portugueses votaram a favor da liberalização do aborto, não sei o que irá se passar.

O parvalhão do Socken (Sócrates em Alemão) a dizer que «a contribuição dos portugueses deu um contributo importante...» para que as clínicas de aborto comecem a facturar tintura da boa.

E quando lhe perguntam como vai ser, diz ele que vamos plagiar (pois pudera!) o que os outros países mais avançados já fizeram (asneiras), passa um atestado de incompetência aos portugueses e “viva ó velho”.

O que ele diz é o seguinte, traduzido em miúdos:

- Porque havemos nós de partir a cabeça quando os estrangeiros já passaram por isso, já investiram e gastaram rios de dinheiro (que nós os expertos aproveitamos), se podemos copiar a legislação que eles já fizeram e experimentaram, com tão maus resultados?

Realmente, há que tirar partido de estarmos sempre atrasados em relação aos países “progressistas”, que não estão à espera dos exemplos de Portugal para avançar. É por isso que a “mandobra” especializada portuguesa dá de “frosques” e prefere ir à procura da sua sorte nos países “progressistas” a ter que ficar a mando dos chicos-expertos sócráticos que só querem viver à sombra da bananeira que os outros plantam.

~~~~~

2007-02-12

Os tios andam tão ceguinhos por causa da tintura, que nem sequer são capazes de ver que a elevada percentagem de abstenção no referendo ao aborto é um voto NÃO na demonocracia reinante.

Mais de metade dos eleitores não acredita que o seu voto faça alterar alguma coisa, ganhe quem ganhar. Porque os tios são sempre tios, venham eles vestidos de branco, azul, amarelo, laranja, rosa ou vermelho. Ninguém acredita que algum governo, Assembleia ou autarquia queira dar melhor vida ao povo, com medidas que melhorem as suas condições de existência: um Ensino, Saúde, Justiça e Assistência Social decentes.

Julgam os tios que é mais importante combater o défice de tintura do que se preocuparem com a melhoria daquelas coisas

ridículas que são o Ensino, Saúde e etc.. E a busca da santa tintura obriga, pelo contrário, a poupá-la naquelas «coisas» onde ela não rende aos tios, para aplicá-la em obras sumptuosas que rendem muita tintura aos tios, como o TGV, a Ota, o IVG, as Opas, etc..

Amanhã, quando se acabar com a demonocracia que campeia por toda essa Europa fora (e não só), ninguém se lembrará que foram os actuais tios que, por causa da sua insaciável sede de tintura, nos conduziram uma vez mais às novas ditaduras. A verdade é que os tios, que se proclamam grandes democratas, estão-se borrifando para a democracia. Para Sócrates, Louçã, Gerónimo, Paulo Portas e todos os tios 'democratas', incluindo todos os tios menores (mas tios), tudo vai bem se para eles vai bem, se puderem continuar a passear com bons carros, ter boas casas e não lhes faltar tintura para comer do bom e do melhor.

Recentemente alguém, que não me lembro já quem, colocou no seu blog a seguinte máxima de Dostoievsky que explica bem o insucesso da democracia dos tios:

“O saciado não consegue compreender o faminto, nem um faminto consegue compreender um outro.”

~~~~~

2007-02-13

Tenho um galo filha-da-mãe. Agora que eu já estava a chegar ao final da carreira como professor é que o governo resolve criar dificuldades aos velhos, obrigando-os, depois de mais de vinte anos de Ensino, a provar que são bons professores. Como se não houvesse já gente suficiente que pode dar referências a meu respeito, e esses são os meus antigos alunos de Electrotecnia e Electrónica. Madeira, Algarve, Porto, Viana do Castelo, Berlengas, Freixo-de-Espada-à-Cinta, Reguengos de Bom Jardim, Elvas, Badajoz, seja onde for que estejais, pronunciai-vos.

Caros ex-alunos, se algum estiver a ouvir, digo, a ler, façam o

favor de me enviar umas cartinhas de recomendação para ver se consigo, nesta vida que se aproxima a passos largos do fim, cheirar uma gotinha de tintura que seja, e ir fazer aquelas férias que sempre desejei fazer mas nunca pude.

Aguardo notícias vossas, já amanhã.

~~~~~

2007-02-14

Depois de hoje ter ouvido um colega meu a falar sobre o darwinismo, fiquei convencido que o Homem não é um animal como os outros, é muito mais animal do que os outros. Ao passo que os animais se limitam a cumprir o que está já programado nos seus genes, os homens dão-se ao trabalho de seleccionar os genes que têm mais chance de sucesso. Não tarda muito que, da espécie humana, só sobrevivam aqueles indivíduos com genes de tios porque os tios são os melhor adaptados para sobreviver neste mundo. Perguntar-se-ão os meus leitores, e muito bem, se os tios conseguem sobreviver sem os outros animais, melhor dizendo, as bestas de carga à custa das quais eles podem continuar a ser tios. Também acho que os tios, ao facilitarem os métodos de selecção artificial, estão a dar um tiro nos próprios pés, o que vai mesmo contra o que o tio Darwin preconizava, isto é, a selecção natural.

Antes de Darwin (esquece-se sempre o co-autor da *Origem das Espécies*, um tal de tio Wallace que vivia fora da Europa e portanto nem era gente), um outro tio, Lamarck (um francês ranhoso) defendera a selecção natural com base no pescoço da girafa que aumentou para acompanhar o aumento do porte das árvores e com o atrofiar de órgãos que não são muito usados. Darwin apenas alinhou com Lamarck no que toca à evolução, mas não deu a mesma explicação para essa evolução, aliás, nem deu explicação alguma. Achava ele que havia variações fortuitas nas espécies que, sendo benéficas, tendem a ser mais frequentes nas espécies vindouras.

Ora, qualquer dos tios [Lamarck e Darwin (e Wallace)], acha que

as espécies evoluem. Só discordam quanto ao porquê da evolução. Mas esta discussão torna-se hoje em dia supérflua porque o Homem já consegue controlar a sua evolução e a das outras espécies. As espécies evoluirão de acordo com a vontade dos tios que impõem, pela força da tintura, o sentido em que as espécies devem evoluir. Eu vislumbro, para a espécie humana, uma evolução muito parecida à das abelhas, mas sem Rainhas. Haverá apenas guerreiros, obreiros e zangãos. Porque o homo sapiens terminará a sua já longa evolução no homo sexual. Foi a conclusão a que se chegou na palestra de hoje.

~~~~~

2007-02-16

Tal como aqui já se disse, a humanidade está a evoluir, embora a evolução não seja ditada por valores superiores que se queira preservar. Porque a evolução dá-se de acordo com a vontade dos tios e os valores que eles querem preservar não são nem éticos, nem estéticos, nem filosóficos ou religiosos ou científicos. Os únicos valores que interessam aos tios são aqueles que lhes permitem arrecadar tintura. Em nome da tintura tudo é permitido. Se assim não fosse, porque andariam os tios a publicitar carros, telemóveis e garrafas de gás, fazendo acompanhar os anúncios de modelos femininos quase nus? Apesar de ser uma tremenda ofensa às mulheres em geral, tratadas como mercadoria conquistável à custa do poder consumista dos machos, nenhuma voz se ouve erguer contra esta ofensa dos tios. As pessoas preferem pensar, induzidas pelos tios, que a criminalização do aborto é muito mais ofensiva do que a imagem da “mulher-puta” vendida em quantidades industriais pela publicidade tiocrática.

Um dos principais segredos da preparação da tintura é a publicidade, que usa e abusa do “putássio” nas suas fórmulas, de tal modo que até as mulheres sérias são enganadas e passam a adoptar comportamentos subtilmente induzidos como símbolos de “libertação”, é a velha história do soutien que ainda se mantém nos dias de hoje.

Medidas que dão à mulher a real dignidade da sua condição, como o apoio à maternidade com um abono de família e licença de parto decentes, essas nunca serão referendadas. O aborto sim, o aborto é que dará às mulheres a liberdade de serem iguais aos homens e, se nenhuma mulher quiser parir, está no seu pleno direito de não o fazer, os padrões agradecem.

Eu achava bem que, a par da liberalização do aborto, se acabasse de vez com o abono de família (que já só é uma esmolinha simbólica) e com as férias de parto. Eu, se fosse mulher e me fosse dado escolher, optaria por não parir. Quem quiser escravos que os compre.

~~~~~

2007-02-16

A ideia surgida na série de artigos que tenho vindo a escrever sobre a teoria da tintura, serviu de inspiração para uma tese de doutoramento.

Com efeito, o amigo Orlando Braga do blog Letras Com Garfos anda a fazer um PhD subordinado ao tema “Problemática da Tintura Aplicada à Selecção Artificial”, donde destaco o seguinte parágrafo bastante elucidativo:

À luz da teoria da Selecção Artificial (a Selecção Natural “já era”), o galeguismo é um estado larvar da existência humana, a manifestação incipiente de inteligência no Homo Sapiens. Não é por acaso que os galegos são anti-comunistas primários (“primários” fica aqui muito bem): a inteligência galeguista não dá para mais, não atingiu ainda os estádios superiores do Homo Sapiens Sapiens (2 vezes “Sapiens”), rumo à sublimação e celebração do Homo Homo Sapiens (2 vezes “Homo”) – (Gaudeant Princeps Gay Homo Sexualis).

Ora, só posso me sentir feliz por ter simplesmente sugerido a selecção artificial, e este tema estar a ser desenvolvido de forma tão

magistral.

~~~~~

2007-02-17

Fala-se por aí de Carnaval, como se as pessoas estivessem à espera desta efeméride para dar largas à fantasia. Para os tios, que se fartam de reinar todo o ano com o Zé Pagante, o Carnaval é permanente. Mas o Zé, esse, só pode brincar uma vez por ano com os tios.

Desde que começou a crise da tintura, isto é, quando a tintura europeia começou a ser racionada e já não chegava para saciar os tios e seus afilhados, instalou-se a cultura carnavalesca como forma de controlar as massas e de lhes espremer alegremente toda a tintura.

O primeiro grande Carnaval terá sido a Expo 98 que, alegadamente, ia salvar o país da miséria. Desde então os Carnavais têm-se sucedido a um ritmo cada vez mais frenético, mas o país não pára de afundar. A coisa assumiu tais proporções que até o governo é agora constituído por palhaços, travestis e foliões que brincam com o Zé Pagante a toda a hora. Senão, vejamos algumas graças deste governo que mais não são do que partidas de Carnaval de mau gosto:

- Num país com uma rede ferroviária convencional miserável, a prioridade dos investimentos governamentais vai para 200 km de TGV, cujo investimento daria para ligar todas as cidades portuguesas com uma rede decente de comboios. Mesmo com a rede miserável de que se dispõe, os tios sacam dela o máximo de tintura. Saem das empresas ferroviárias com indemnizações de 200 mil euros e logo a seguir vão para outra sucursal das mesmas empresas ganhar cinco mil euros por mês.

- Numa época em que, em todo o mundo, a construção de novos aeroportos está a ser abandonada, por causa da poluição e da crise do petróleo, outra prioridade do governo é a construção de um aeroporto numa região pantanosa e entre montanhas, a 50 km ou mais da capital

do país.

- Os funcionários públicos e agentes do Estado têm a progressão na carreira congelada e, ao mesmo tempo, o governo toma medidas para perpetuar o congelamento com imposição de novas regras que limitem as promoções.

- Outra partida de Carnaval que o governo inventou é essa coisa do choque tecnológico, coisa que não existe nem pode existir porque não há técnicos, nem há medidas tomadas no sentido de os criar. E os técnicos demoram tempo a criar, assim como as empresas onde os técnicos podem vir a trabalhar.

- Etc..

A última partida que nos pregaram agora foi com a questão do aborto. Ainda não sei quanto custou nem percebo porque não usaram a Internet para fazer a consulta popular. Com uma abstenção considerável, e com apenas 27% da população de eleitores a pronunciar-se pelo sim, declara-se a vitória do sim e ponto final, as clínicas de aborto já podem implantar-se em solo nacional.

Digam lá: era mesmo necessário haver o Carnaval que se avizinha? Não fomos já suficientemente gozados? Poderão dizer que chegou a nossa vez de gozar mas eu perdi a vontade, só um dia a gozar é pouco. Prefiro escrever tudo.

~~~~~

2007-02-18

O fulcro da questão

Mas o pior do neoliberalismo é que, através da manipulação da opinião pública menos esclarecida, consegue fazer o sincretismo entre o materialismo marxista e o capitalismo mais selvagem, o que transforma o neoliberalismo num «moving target» que é difícil de abater, mesmo para o «sniper» mais experiente.

Frase retirada de um artigo de Orlando Braga no blog Letras Com Garfos, e com a qual estou plenamente de acordo e tenho em consideração na minha teoria da tintura. Os tios ignoram por completo que “Nem só de tintura vive o Homem”. E substituíram também a máxima filosófica de Protágoras “O Homem é a medida de todas as coisas” pela mínima “A tintura é a medida de todas as coisas”.

~~~~~

2007-02-18

### **A Quinta dos Porcos**

Pouca gente deve relacionar este célebre programa da televisão portuguesa com a não menos célebre obra de George Orwell, conhecida entre nós como «O Triunfo dos Porcos». De facto o título original, inglês, é «Animal Farm: A Fairy Story» e os actores principais são os porcos. Na verdade, é uma história fascinante sobre como nascem os tios. Lê-se de um só fôlego e, sinceramente, vale a pena.

Se quiser ter apenas uma ideia do conteúdo veja aqui:

<http://biblioteca.folha.com.br/1/noticias/2003090601.html>

Se quiser ler o livro, em tradução brasileira, encontra-o no fabuloso site iniciado por Nelson Jahr Garcia, entretanto já falecido.

<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/animaisf.pdf>

Excerto seleccionado:

*«O mistério do leite de pronto se esclareceu. Era misturado à comida dos porcos. As maçãs estavam a amadurecer e a grama do pomar cobria-se de frutas derrubadas pelo vento. Os bichos tinham como certo que as frutas deveriam ser distribuídas equitativamente; certo dia, porém, chegou a ordem para que todas as frutas caídas fossem recolhidas e levadas ao depósito das ferramentas, para consumo dos porcos. Alguns bichos*

*resmungaram a respeito, mas foi inútil. Os porcos estavam todos de acordo sobre esse ponto, até mesmo Bola-de-Neve e Napoleão. Garganta foi enviado aos outros, para dar explicações.*

*- Camaradas! - gritou. - Não imaginais, suponho, que nós, os porcos, façamos isto por espírito de egoísmo e privilégio. Muitos de nós até nem gostamos de leite e de maçã. Eu, por exemplo, não gosto. Nosso único objetivo ao ingerir essas coisas é preservar a nossa saúde. O leite e a maçã (está provado pela Ciência, camaradas) contêm substâncias absolutamente necessárias à saúde dos porcos. Nós, os porcos, somos trabalhadores intelectuais. A organização e a direcção desta granja repousam sobre nós. Dia e noite velamos pelo vosso bem-estar. É por vossa causa que bebemos aquele leite e comemos aquelas maçãs. Sabeis o que sucederia se os porcos falhassem na sua missão? Jones voltaria! Jones voltaria! Com toda certeza, camaradas - gritou Garganta, quase suplicante, dando pulinhos de um lado para outro e sacudindo o rabicho - , com toda certeza, não há dentre vós quem queira a volta de Jones.*

*Ora, se algo havia sobre o qual todos os animais estavam de acordo, era o facto de nenhum desejar a volta de Jones. Quando o assunto lhes foi posto sob essa luz, não tiveram mais o que dizer. A importância de manter a boa saúde dos porcos tornou-se óbvia. Foi, portanto, resolvido sem mais discussões que o leite e as maçãs caídas (bem como toda a colheita de maçãs, quando amadurecessem) seriam reservados para os porcos.»*

*- Camaradas, não quereis que Salazar volte, pois não?*

~~~~~

2007-02-19

O mundo de amanhã vai ser, cada vez mais, o mundo ideal dos tios. O “animalismo” defendido pelo tio Orwell será substituído pelo robotismo, uma ideologia política que visa a substituição das bestas por robôs, que algumas bestas irão produzir alegremente, julgando, tal como na Quinta dos Porcos, que estão a construir um moínho de vento. A propósito, aconselho uma vez mais a leitura do Triunfo dos

Porcos, para poderem perceber esta nova teoria da tintura que, plagiando levemente o tio Marx, vou reunir num livro chamado “Das Tinturra”. Não há lapso algum, o tio Marx também não colocou a “Capital” no plural e adiantou-se ao TLEBS escrevendo a palavra com K em vez de C.

Eu também, tal como o tio Marx, detesto o capitalismo, essa variante do animalismo que leva os animais a concentrarem-se nas capitais ou à volta delas, atraídas pelo cheiro da tintura que por lá se sente. E escrevi tintura com dois r's para lhe dar mais ênfase e um sotaque alemão. Quero alinhar com os grandes filósofos alemães, Nitcha, Cante, Chope na Hora.

O primeiro slogan que vamos lançar no robotismo será:

BESTAS DE TODO O MUNDO, UNI-VOS!

E fico à espera que alguma besta amiga tenha a inspiração para produzir o hino do robotismo. Nenhuma ideologia sobrevive sem hino, sem bandeira e sem um conjunto pequeno de chavões que as bestas repetem *ad eternum*, mesmo quando tudo à sua volta desmorona como um baralho de cartas.

“Aborto sim, vida não”; “Não há direito à vida sem o direito à morte”; “Abaixo o capitalismo, viva o robotismo”; “Os homossexuais são mais normais que os heterossexuais”; “Casamento e adopção de crianças por homossexuais, já”; “A Família convencional é obsoleta”; etc., são algumas ideias para mais chavões do robotismo.

Por último, mas muito importante, há que arranjar um projecto nacional que entretenha as massas a trabalhar e a colaborar na sua própria extinção. Tem que ser um projecto grandioso, que encha os olhos das massas bestiais. Um projecto para o qual se faça convergir muita tintura arrancada à força do chicote se necessário for. Os cidadãos e cidadãs (leia-se bestas) serão chamados a sacrificarem-se por uma nobre causa que exige elevado espírito robótico.

Nisto tudo faz falta ainda uma componente religiosa que leve os

mais lúcidos entre os animais a conformarem-se com o robotismo, apesar de perceberem perfeitamente qual a intenção subjacente: a extinção dos animais.

~~~~~

2007-02-19

Espero acabar de escrever amanhã o último episódio do capítulo III do “Das Tinturra”, que ficará com cerca 12 episódios como os outros dois capítulos, “Ontem” e “Hoje”. Já ando a preparar o IV Capítulo que será dedicado à nova ideologia nascente, o robotismo. Algumas pessoas, pressentindo o fim que as espera, já começam a imitar os robôs. Pode ser que assim escapem ao holocausto que se avizinha.

O novo capítulo irá chamar-se... “Sempre”. O “Das Tinturra” será então constituído pelos capítulos Hoje, Ontem, Amanhã e Sempre, até à vitória final (dos tios, claro está). Ainda pensei chamar ao livro “A Minha Campa” mas depois vi que ficava muito parecido com o livro do tio Hitler, “Mein Kampf”. E não quero ser comparado com um tio que apenas aplicou a teoria de um filósofo. Prefiro manter-me na retaguarda e ser comparado a Nietzsche, Maquiavel ou mesmo Marx, tios que não mandaram matar ninguém e hoje ainda se estudam nas universidades de todo o mundo.

~~~~~

2007-02-20

As bestas que nós temos sido desde tempos imemoriais têm os seus dias contados. Toda e qualquer pessoa com dois dedos de testa vê que a actual situação no mundo é insustentável, que os recursos da Terra não dão para todos. Esta verdade é conhecida desde há cerca de dois séculos, quando o tio Malthus reparou que as populações das bestas tendem, na presença de recursos suficientes, a crescer em progressão geométrica, ou seja, antes de Malthus nunca se pensara que basta que um ser vivo dê origem a dois (e pode dar mais) para que a população cresça exponencialmente. Mas se os recursos não

acompanharem esse crescimento geométrico, o crescimento das bestas estagna porque, embora não parem de parir, começam a morrer à fome. Há de facto, nos dias de hoje, situações dessas, principalmente na África em torno do deserto de Sara, onde se morre à míngua, e não só: alguns tios mafiosos dão uma ajuda à fome.

Um outro tio chamado Spencer, escreveu um livro a que deu o título de “A Teoria da População” (das bestas), onde se saiu com este brilhante raciocínio que nem o JSS seria capaz de fazer: que as várias espécies de bestas iriam inevitavelmente entrar em conflito pelos escassos recursos e só iriam sobreviver os mais capazes de zelar pela sua subsistência. E quem são os sobreviventes que se adivinham então? Os tios, óbvio.

O grande problema dos tios é conseguirem ver-se livres das bestas. Porque algumas bestas se recusam a seguir atrás daquilo que os tios propalam através dos “merdia” e continuam a enxamear o planeta, apesar das estratégias dos tios, que tudo fazem para levar até às últimas consequências as teorias de Malthus e de Spencer.

É certo que por vezes surgem tios que são verdadeiros heróis nesta luta contra a bestialidade, os grandes ditadores da História que dizimam as populações sem dó nem piedade. Hipocritamente, os tios sucessores, que experimentam um período de enorme prosperidade depois do ditador ter batido as botas, fazem do ditador o mau da fita para sossegar as bestas amedrontadas.

Mas na verdade, tios como o Hitler e o Stalin deviam figurar como os grandes Tios da História. Mas como os métodos usados foram demasiado primitivos, e chocam demasiado as bestas sensíveis, os tios de hoje procuram formas mais evoluídas para reduzir a bestial população.

E é neste contexto que surge esta nova ideologia das massas, o robotismo, sucessor do animalismo de Orwell que foi posto em prática, entre outros, por Hitler e Stalin. E assim termina mais um capítulo do «DAS TINTURRA ».

SEMPRE

2007-02-20

Em primeiro lugar, gostaria de mostrar que o animalismo é uma ideologia ultrapassada. A nova ideologia que desponta no horizonte, e que promete ser a última, é o robotismo. O animalismo nasceu na Inglaterra, numa altura em que os povos ainda eram soberanos e podiam fazer o que bem entendessem dentro das suas fronteiras, desde que não pisassem os calos dos outros. Na quinta dos porcos de George Orwell os animais revoltaram-se contra o dono da quinta, enfrentaram algumas batalhas com os vizinhos, a quem ganharam, mas acabaram por se constituir como quinta independente e passaram a ser considerados no concerto das quintas. Mas nos dias de hoje, em que já não há quintas independentes porque estão todas sob o comando de uns poucos tios que as amarraram a tratados, uniões, e organizações que têm que ser respeitadas sob pena de excomunhão, o animalismo tem que ceder lugar a uma ideologia renovada e essa é o robotismo. Ainda estou à espera das propostas para o hino do robotismo que serão aqui publicadas.

A revolução dos bichos, como todas as revoluções, teve a sua origem nos ideais de um porco já velho (o Major) que pouco depois de os ter revelado, morreu. Esses ideais estavam plasmados no hino do

animalismo que a seguir se transcreve:

BICHOS DE INGLATERRA

*Bichos ingleses e irlandeses,
Bichos de todas as partes!
Eis a mensagem de esperança,
No futuro que virá!*

*Cedo ou tarde virá o dia,
Cairá a tirania
E os campos todos da Inglaterra
Só aos bichos caberão!*

*Não mais argolas em nossas ventas,
Dorsos livres dos arreios,
Freios e esporas, descartados,
Chicotadas abolidas!*

*Muito mais ricos do que sonhamos
Possuiremos daí por diante
O trigo, o feno, e a cevada,
Pasto aveia e feijão!*

*Brilham os campos da Inglaterra,
Águas puras rolarão.
Ventos leves soprarão
Saudando a redenção!*

*Lutemos todos por esse dia
Mesmo que nos custe a vida!
Cavalos, vacas, perus e gansos,
Liberdade conquistemos!*

*Bichos ingleses e irlandeses,
Bichos de todas as partes!
No futuro que virá!*

In **Triunfo dos Porcos** de George Orwell

O fim último (e único) do Homem (leia-se tio) é ser dono da tintura. Esse desiderato tem sido alcançado à custa do trabalho das bestas por gerações e gerações de tios. Durante muitos séculos os tios praticaram a escravatura, sem se preocuparem com o que pudessem pensar deles os seus escravos. Muitos escravos julgavam até que as coisas tinham nascido assim e que a escravatura pertencia à ordem natural das coisas. Os homens estavam divididos em castas, sendo a melhor das castas a tintureira, isto é, aquela para quem os escravos, ou bestas, deviam produzir a tintura.

Embora as nações (associações de tios) guerreassem entre si por causa da tintura, nos seus domínios os tios eram donos e senhores dos seus escravos, e aquele escravo que se atrevesse a reclamar seria duramente castigado ou morto para servir de exemplo aos outros. Se a população de escravos aumentasse demasiado, uma próxima guerra fá-la-ia baixar de novo e o equilíbrio era mantido. As guerras tinham esse lado positivo, evitavam que os tios tivessem que matar directamente e em massa os seus próprios escravos, o que poderia originar mau-estar entre eles. Porque os escravos, apesar de bestas desprezíveis, partilhavam com os tios o sentimento de pertencerem ao mesmo espaço territorial, sentimento esse a que se deu o nome de patriotismo. Deste modo, a ideologia patriótica não fazia mais do que mobilizar as bestas para defenderem os territórios produtores de tintura, territórios esses pertencentes aos seus donos legítimos - os tios.

Nesses tempos tudo caminhava sobre rodas, puxadas pelas bestas. Entretanto, com a invenção da máquina a vapor, começa a chamada revolução industrial. De repente, e sem que os tios pudessem reagir a tempo, o número de escravos ociosos sobe drasticamente. Embora ainda não se fizessem estatísticas de desemprego, calculo que o desemprego deve ter sido da ordem dos "8,23 %" ou mais, porque os governos (paus-mandados dos tios) se viram obrigados a tomar

medidas drásticas para reduzir a população, tal como hoje o governo de Sócrates com a liberalização do aborto, o casamento homossexual e a destruição das famílias (ou manadas).

Felizmente para os tios, as bestas podiam ainda ser escoadas para as colónias e para a América. E levaram as ideologias dos tios para esses territórios, e novos tios foram surgindo por esse mundo fora. E a revolução industrial ia-se vivendo na Europa, (Inglaterra, França, Alemanha) com crises cíclicas de desemprego e retoma, desemprego e retoma e chega o século XIX. Foi neste contexto que surgiu o animalismo a que os tios viriam a chamar comunismo marxista ou marxismo, em homenagem ao tio que lançou a ideologia. O marxismo apelava à revolução dos animais e tinha como slogan principal o mesmo slogan do robotismo - bestas de todo o mundo, uni-vos -, com a diferença que as bestas da época davam pelo nome de proletários. Porém, o tio Marx escreveu um tratado sobre a tintura a que deu o nome “Das Kapital”, e onde se proclama defensor das bestas, e desenvolveu também os fundamentos da sua vasta teoria sobre a tintura. Bem, em teoria as coisas pareciam boas, e muitas bestas foram seduzidas por esses ideais de liberdade, igualdade e fraternidade entre os animais. O resto está bem documentado no livro de George Orwell que mais uma vez vos incito a ler.

E entramos no século XX. As coisas pioram a cada dia, a pressão das bestas ociosas gera um sentimento de que só uma guerra mundial pode pôr cobro à situação. Primeira guerra mundial no início do século. Melhor. Na Rússia uma revolução das bestas implanta o “socialismo”, rumo ao comunismo. O tio Stalin não está com meias tintas, manda matar milhões de bestas. Mas como não ameaçou outros países para além dos que anexou, o ocidente não reage.

Na Alemanha os nacional-“socialistas” tomam “democraticamente” o poder. As atrocidades dos tios “socialistas” bradavam aos céus, milhões de bestas foram dizimadas pelo tio Hitler (que era o líder da revolução) que pretendia apoderar-se de todas as quintas do mundo. Os tios ocidentais, da França, da Inglaterra e mais tarde dos EUA aproveitaram bem esta oportunidade para resolver as

suas crises de desemprego. As bestas desempregadas foram todas para a guerra e a população europeia, americana e japonesa sofreu reduções substanciais. A população alemã ficou de tal modo reduzida que no final da guerra já Hitler mandava também as crianças para a frente de combate.

Depois da guerra, foi o boom da tintura, quase trinta anos de “progresso”, muita tintura a correr. Mas quando a tintura é muita até as bestas desconfiam. Qual foi o truque dos tios? Reparem que após a guerra os tios dominantes passam a ser os tios americanos...

Eh pá, estou para aqui a falar de História sem ser historiador, muita coisa pode não estar certa, mas é apenas para enquadrar o robotismo. Toda a ideologia necessita de um enquadramento histórico e é isso que procuro fazer em primeiro lugar. Mas apenas deixo umas ideias que os historiadores profissionais farão o favor de desenvolver.

E afinal então o que é isso do robotismo?

~~~~~

2007-02-21

## O HINO DO ROBOTISMO

Já recebi uma proposta para o hino do robotismo, cuja música será um misto da Internacional Animalista, Uma Gaivota Voava e Avante Camarada (mas em estilo REP). A proponente é a Heloísa do blog *Conversando Com as Palavras*, a quem agradeço o empenho e a dedicação à causa do robotismo.

## MARCHEMOS ROBÔS E TINTUREIROS

AVANTE!

E...

AVANTE

MARCHEMOS

E CANTEMOS

ESTROFES

COMO "HINO"

DOS VENCEDORES

DOS TINTUREIROS

DOS EMBUSTEIROS

SENHORES,

DOS ROBOTS

CRIADORES!

....

AVANTE!

MARCHEMOS!

E...

VOLTEMOS A MARCHAR

E, EM CADÊNCIA DE PASSO

A COMPASSO ANDAR;

NÓS,

OS QUE SOMOS A LIGA TEMPERADA

A AÇO MOLDADOS.

E, SIGAMOS

COM NOSSO "HINO"

ESTANDARTE

EM JEITO DE ESPADA

DE LATA

OU DE AÇO TEMPERADA

QUAL \*D.QUIXOTE\*

\_SEM MOINHOS\_

PORQUE DESTRUÍMOS OS SONHOS

E...OS NINHOS!!!..

\_Ninhos da ERA  
JURÁSSICA  
ONDE O SER  
GENTE  
PENSAnte  
TINHA UM CORAÇÃO  
NA CAIXA TORÁXICA:  
\_HOJE, UM ABISMO  
NO ABISMAL FRIO REINO CORPO  
DO AÇO\_!!!!!!

~~~~~

2007-02-22

Podemos dizer que, no século XX, houve duas ideologias opostas que serviram para conduzir as bestas de modo a que os tios pudessem viver em paz relativa, sem serem importunados pelas constantes rebeliões dos animais esfomeados: liberalismo e socialismo. O liberalismo defendia a propriedade privada da tintura, isto é, cada um era livre (daí o nome de liberalismo) de juntar tanta tintura quanto pudesse, desde que pudesse.

O socialismo teria (alegadamente) em vista caminhar para uma sociedade semelhante à ilha da Utopia do tio Thomas More, em que se praticava alegremente o comunismo porque a tintura era de todos sem ser de ninguém e todos trabalhariam de igual modo para produzi-la.

Depois da segunda guerra mundial, aquela em que o tio Hitler ficou para sempre na História, os países onde se praticavam cada uma das ideologias reinantes estavam perfeitamente definidos. Os dois sistemas aguentaram mais de 40 anos em competição, acabando por ganhar o sistema liberal. Os países liberais progrediram mais em termos de tintura do que os socialistas, e os bens de consumo eram mais acessíveis às bestas nos países liberais do que nos outros. Os “ossis” (assim chamavam os alemães ocidentais aos seus irmãos de Leste) invejavam os carros, as bananas, a Coca-Cola e os cigarros

Marlboro que viam nos ocidentais. Muitos perderam a vida ao tentar fugir para o outro lado, porque os “cães” armados que defendiam as fronteiras lhes caíam em cima sem dó nem piedade. Mas muitos conseguiram fugir de lá, antes da queda do muro. Os coitados, para terem um carrinho reles, o Trabant ou “Trabi”, cuja carroçaria era de cartão, esperavam anos. Quando as coisas pertencem a todos mas não são de ninguém, as bestas trabalham menos, só trabalham o mínimo para sobreviver. Sempre que as bestas não vêm vantagem pessoal no trabalho que fazem, acabam por chegar a um acordo tácito em que ninguém deve trabalhar muito para não deixar mal visto os que trabalham menos. Chama-se a isto a solidariedade bestial.

Mas trabalhando pouco, inevitavelmente a produção de tintura é menor. As bestas do lado do liberalismo tinham mais incentivo, aliás todos os animais são semelhantes aos cães de Pavlov. O tio Pavlov fez experiências com cães em que mostrou que era possível criar nos animais reflexos condicionados. Sempre que dava comida a um cão fazia soar uma campainha. Após algumas repetições deste procedimento, bastava tocar a campainha e o cão começava a salivar, pensando que já era hora de comer.

Está pois explicado porque é que as bestas dos países liberais trabalham mais, com a diferença que a comida foi substituída por tintura. Porque é preciso ser muito besta para trabalhar muito e receber a mesma tintura que quem nada faz, não é? Hoje em dia, as bestas dos países liberais já estão tão domesticadas que já trabalham apenas a troco do cheiro da tintura, ficam embriagados só com a promessa do cheiro e trabalham que nem... bestas.

~~~~~

2007-02-22

Depois de ter feito o breve enquadramento histórico das ideologias do passado, o liberalismo e o socialismo (animalismo), gostaria agora de vos mostrar a necessidade de uma nova ideologia, a do robotismo, inspirado num artigo do colega Orlando Braga no seu

blog Letras Com Garfos, estupidamente boicotado.

O animalismo económico não interessou às bestas ocidentais, mas o animalismo cultural sim, isto é, se perguntarem a uma besta qualquer do ocidente se gostaria de viver num país do bloco animalista, ela diz prontamente que não. Mas a besta, mesmo assim, é capaz de saber o Hino do Animalismo de cor e apoiar todas as medidas que foram adoptadas pelos porcos de Orwell para justificar a necessidade de acabar com as liberdades individuais. E os tios espertos estão a aproveitar-se disso para governar segundo esse espírito que é o espírito do robotismo. E são os tios do liberalismo que se apropriam de algumas metas do animalismo, tal como a de tornar o mundo numa só quinta, globalizando toda a sua tintura.

A Europa toda, por exemplo, é agora uma quinta só. Mas não se esqueçam do princípio do azulejo de que já vos falei, a gordura e a tintura tendem a concentrar-se em determinados pontos dos azulejos, e nunca se distribuem de igual modo. Mesmo nos EUA ou no Brasil hão-de reparar que há estados ricos e pobres, e o fosso tende a aumentar à medida que os espaços alargam. Num mundo transformado num só grande azulejo, o fosso vai ser ainda maior, porque tintura atrai tintura. Muitas quintas, ou o que delas ainda resta ficarão reduzidas à miséria e os animais dessas quintas estão prontos para aceitar esta nova ideologia que promete tirá-las depressa da miséria sem lhes tirar o sonho animalista-liberalista da globalização.

É assim que nasce o robotismo, prometendo às pessoas muito mais liberdade que as ideologias anteriores, mas escondendo os seus verdadeiros objectivos, a erradicação das bestas. O robotismo vai buscar inspiração ao animalismo e ao liberalismo em simultâneo. Assim, a liberdade preconizada pelo robotismo é muito maior do que a liberdade do liberalismo, permitirá inclusive o aborto, o suicídio e a eutanásia, que deixam de ser crime, desde que praticados em locais devidamente autorizados. As drogas alucinogéneas podem ser tomadas livremente, mas o tabaco, que faz cancro, não. É que o cancro consome muita tintura desnecessariamente e mata devagar, e seria muito mal visto deixar de assistir os cancerosos. O sexo poderá ser

praticado desde tenra idade com qualquer besta. E mais, muitas outras liberdades serão alargadas, desde que nelas os tios vejam vantagens para a realização de tintura. As bestas aceitam bem todas as iniciativas, desde que tenham como justificação a poupança da tintura. Pensam elas que se ajudarem os tios na poupança, mais sobrá para elas.

Pobres bestas, desconhecem que a poupança da tintura é necessária porque ela se evapora das suas quintas para condensar em quintas cada vez mais gordas.

~~~~~

2007-02-23

A tese da mais-valia acrescentada aos bens pelos animais e da sua alienação à santa tintura já perdeu a validade. O animalismo procurava, alegadamente, com esta tese do tio Marx, colocar as bestas contra os donos da tintura.

O robotismo defende a tese de que as bestas foram feitas para trabalhar e toda a gente sabe que “cavalo que corre por gosto não (se) cansa”. Mas também sabemos que os “cavalos (e bestas) também se abatem”. É por isso que no robotismo só se garante o sustento das bestas enquanto elas trabalharem. As bestas que nada produzem devem ser abatidas sem dó nem piedade, senão teriam que ser as bestas activas que teriam que sustentar as velhas, as incapacitadas, as jovens, as ociosas, enfim, todas aquelas bestas excedentárias que, racionalmente, deviam ser abatidas. Isso seria um autêntico retrocesso num mundo de tintura global porque há sempre bestas mais bestas que outras e dispostas a aceitar condições bestiais de trabalho como as da China, Índia, países de Leste, etc..

O problema está em fazer com que as bestas das quintas ditas desenvolvidas aceitem bem as medidas higiénicas preconizadas pelo robotismo porque parece que há ainda algumas bestas que teimam em deixar falar a voz do coração. A solidariedade e a compaixão são preconceitos transmitidos de geração em geração, que os “merdia” têm vindo pouco a pouco a suprimir, num trabalho árduo, contínuo e

louvável que vai criando uma Besta-Nova que deixará de ser besta para passar a ser Robô.

É assim que hoje em dia já muitas bestas se “libertaram” dos sentimentos, só se preocupando consigo próprias enquanto bestas activas. Quem é que não ouviu já algumas dessas bestas a dizer, relativamente aos ociosos, que “Eles não querem é trabalhar. Vão trabalhar malandros”? É mesmo esse o espírito do robotismo, “quem não trabalha, abate-se”.

Diz-se que o primeiro artigo da Constituição da ex-URSS era “quem não trabalha, não come”. E lembro-me ainda bem dos tempos da revolução animalista em Portugal, a seguir ao 25 de Abril, em que algumas bestas achavam que era assim mesmo que devia ser. Eram uns hipócritas porque quando se lhes perguntava o que fazer daquelas bestas que não podiam trabalhar, assobiavam para o lado e nada respondiam. O robotismo não é hipócrita, e diz claramente que essas bestas devem ser abatidas. Claro que sem chocar a opinião pública, ainda eivada de sentimentos primitivos das bestas e que podem impedir que atinjamos depressa o estádio último da evolução do Homem, o Homo Roboticus.

Portanto, todas as medidas de higienização devem ser praticadas em estabelecimentos devidamente autorizados (já Hitler também se preocupou em as praticar em estabelecimentos devidamente autorizados: Auschwitz, Treblinka, Dachau, etc.) porque isso não choca tanto as bestas.

A longo prazo, após uma geração de robôs, já as medidas de higienização (que passam a fazer parte dos curricula escolares) poderão ser praticadas em casa. Aliás, basta ler os “merdia” para vermos que há bestas que já estão a usar a higienização doméstica que, porém, a lei ainda não permite, mas em geral não condena. Por enquanto, **só se deve higienizar em estabelecimento devidamente autorizado.**

~~~~~

Andamos sempre atrasados em relação ao resto do mundo civilizado onde o robotismo já foi implantado, havendo porém fortes movimentos terroristas que visam bestializar os robôs. As nossas bestas andam a ser treinadas desde o seu nascimento para se tornarem robôs. Aquilo que se chamava em tempos Educação passará a chamar-se, com muito mais propriedade, Robotização. Mas como robotizar as bestas sem professores robôs? Ainda hoje, ao enfrentar as bestas que tenho que robotizar, constatei que elas já se encontram em avançado estado de robotização, já que se recusam a utilizar o raciocínio, preferindo, em vez disso, usar os programas já testados noutros robôs. São capazes de executar o programa fielmente. Mas se o programa tiver bugs, os robôs bloqueiam e são incapazes de, por si, retomar a execução do programa a partir do ponto onde algo falhou.

O sucesso do robotismo depende pois da programação. Felizmente ainda há bestas capazes de desenvolver programas para os robôs, no futuro os robôs limitar-se-ão a fazer cópias dos programas de uns para os outros. Se repararem bem, alguns robôs (os mais merdiáticos) já são cópias fiéis uns dos outros, embora possam exibir diferenças que dependem dos respectivos programadores. Basicamente, a diferença reside no sistema operativo. Enquanto uns optam pelo Um-dois, outros preferem o Único, tal como os computadores. Mas todos servem para executar os programas para que estão programados, e estes visam cumprir as mesmas tarefas mas de modo diferente.

Os robôs que usam o sistema Um-dois já estão quase em minoria, há uma tendência crescente para a utilização do sistema Único, em que os robôs serão todos iguais, isto é, homorrobotais, a exemplo de algumas bichas bem conhecidas. O lançamento do Cartão Único foi uma ideia dos robôs do Sistema Único.

~~~~~

A tintura é, e será sempre, a coisa mais importante do mundo. Muito tempo depois da morte das bestas e de qualquer tio, a tintura continuará a existir. Os tios são os mais espertos de todos, mas creio que desconhecem algumas leis da natureza e, quando as conhecem, tentam remar contra a maré. Vejam o exemplo do tio Belmiro que, coitado, já está velhote e quase de pés para a cova mas continua a correr atrás da tintura nessa OPA da PT. Será que ele não se dá conta que anda a juntar tintura em vão? Outro tio, ainda mais esperto que o tio Belmiro, é esse Paulo Macedo, com uma cara que indicia estar já com cancro em fase terminal e continua a sacar tintura ao Estado desmedidamente, ganhando mais que o Presidente da República, mesmo considerando as reformas que este tem.

Plagiando o grande tio Pessoa, em *Tabacaria*, poder-se-á dizer:

Os tios morrerão e eu morrerei.

Eles deixarão a tintura, eu deixarei prosa.

A certa altura a prosa morrerá mas a tintura não.

Depois de certa altura morrerá a rua onde eu moro,

E a língua em que escrevi a prosa.

Morrerá depois o planeta girante em que tudo isto se deu.

Em outros satélites de outros sistemas qualquer coisa como bestas

Continuará fazendo coisas como prosa e vivendo por baixo de coisas como pontes,

Mas a tintura não morrerá jamais.

Mas gostava de saber o que pensam os tios deste assunto da perenidade da tintura. Nisso, os tios faraós do Egipto eram muito mais espertos, gostavam de ser enterrados ao lado da tintura para poderem continuar a sentir-lhe o cheiro eternamente. Se eu fosse tio era o que eu faria, levava a tintura toda comigo, quem vier depois que trate de sacar a sua própria tintura.

Encontrei outra vez na zona baixa da cidade o meu amigo JSS, um dos homens mais sábios que eu tenho conhecido nesta vida. Andava ele a fazer por um cheirinho de tintura, dando instruções às bestas robotizadas para estacionarem devidamente a sua carapaça. E lá de vez em quando algum abria a carteira e deixava sair um cheirinho ao de leve. Mal me viu, veio ter comigo aos saltos, feliz da vida. Estranhei vê-lo tão contente e comentei:

- Parece que o negócio hoje está a correr bem...

- Qual negócio, qual carapaça. Estou contente porque a máfia da tintura sofreu uma derrota no jogo contra a PT.

- É pá, não me digas! A sério?

- És sempre o mesmo, nunca ligas às notícias. Vais me dizer que não sabias...

- Já percebo agora porque é que as pessoas vieram para a rua com bandeiras e palavras de ordem.

- Não pá, isso foi outra história. Isso foram umas bestas a protestar contra o robotismo.

- Mas o robotismo não está ligado à máfia da tintura?

- Está e não está.

- No que é que ficamos, então?

- Vou te explicar. O robotismo é propalado pelos “merdia” ao serviço da máfia, mas não foi a máfia que o inventou. É assim: se um tio dos “merdia” diz algo que convém à máfia, eles deixam estar o tiozinho sossegado. Mas se disser alguma coisa que possa ir contra os interesses da máfia, é logo marginalizado. Selecção darwinista, percebes?

- Estou a ver.

- Desta forma, as coisas que servem os interesses da máfia vão se tornando mais e mais badaladas, e as bestas vão atrás do que é considerado correcto pelos tios bem pensantes. Digamos que o robotismo é uma espécie de moral dos tios.

- Essa é boa! Eu pensava que os tios não tinham moral alguma...

- E pensas bem! A única moral dos tios é a moral da tintura. O robotismo é para impingir às bestas, pá. Não vês que elas, as bestas, gostam de mostrar que estão na moda e que seguem o que os tios bem falantes dizem que está certo?

- Pois é!

- O robotismo acaba por ser então uma coisa a que se chama de ideologia, ou seja, um conjunto de ideias feitas que servem os interesses da máfia. E a máfia está-se nas tinturas para as ideias, podem vir de onde vierem. Do Smith, do Marx, do Darwin ou do Papa. É tudo igual a tintura, isto é, tudo serve para fazer tintura.

- E o jogo? Que jogo era esse?

- Era o jogo da OPA.

- Que jogo é esse que eu nunca ouvi falar?

- É o jogo da moda. Uma espécie de Pocker.

~~~~~

2007-03-04

Estando já próximo do último episódio do meu «tratado», o “Das Tinturra”, convinha começar a fazer um apanhado das leis e princípios das minhas teorias altamente científicas. Para isso, terei que reler tudo desde o princípio e com muito cuidado para não deixar escapar algo importante. Basicamente, pretendo chamar a atenção dos meus parcos leitores para a importância crescente da tintura no mundo actual. Sem

tintura ninguém é digno de ser tratado com a dignidade que merece qualquer besta humana. É por isso que os tios da máfia da tintura tratam mal as bestas miseráveis que são, na óptica mafiosa, simples cabeças de gado que devem obedecer a critérios estatísticos mais ou menos aceites no quadro das organizações mafiosas. É por isso que eu escrevo este «tratado» onde trato ainda pior a máfia da tintura. Também há bestas que dão coices, nem todas são mansas. E se houver bastantes bestas a dar coices, garanto-vos que as máfias podem ser educadas para tratar melhor as bestas. Não digo que elas acabem, elas sempre encontram forma de se metamorfosear, seria ingénuo da minha parte pensar e prometer aquilo que tantos e tantos idealistas andam prometendo desde que o mundo é mundo: o mundo ideal, as utopias, o paraíso na Terra, a felicidade, o amor, etc.. Isso também a máfia aprendeu a prometer, claro que a troco de tintura. Só podemos pensar que, se as máfias se consciencializarem que não podem fazer das bestas tudo o que lhes der na real gana, talvez elas não se atrevam a tratá-las como se elas fossem, além de bestas, parvas. Por outro lado, enquanto ia escrevendo o meu «tratado» para tratar da saúde à máfia, uma doutrina me pareceu estar a emergir no horizonte, e a que dei o nome de robotismo. Se me perguntarem o que é o robotismo, eu próprio terei imensa dificuldade em o definir. Creio que o robotismo tem a sua génese no excesso de importância que a sociedade dá à tintura. As bestas em geral andam também a furar por tudo quanto é lado com o propósito exclusivo de arranjar tintura que alegadamente é o remédio para todos os males. Se a besta está com problemas no trabalho, anseia por ganhar no Tinturo-milhões para poder largar o emprego; se a besta tem amigos, anseia por ter tintura para mostrar aos amigos o carrão que a tintura lhe deu; se a besta tem, se a besta tem, se a besta tem. Parece que a felicidade da besta reside no ter. Esta ideologia do robotismo não foi pensada por ninguém, foram as próprias bestas que a pariram. E não é de admirar que os governos, que são constituídos também por bestas, sigam o robotismo, a ideologia da classe bestial a que pertencem. Governam segundo as leis da tintura, a tintura é, em tudo o que fazem, o centro das decisões. Com este governo então, o ênfase posto na tintura, para além de visar desviar tintura para os

bolsos de uma elite dominante, determina que todos os seus actos tenham na base a economia de tintura.

Ou eu ando distraído, ou ainda não vi medida alguma deste governo que tenha como motivação o bem-estar das bestas no curral. Não, tudo o que se faz é numa base tintural. Porra, nem só de tintura vive a besta! Mas as bestas sofrem por falta de tintura...

~~~~~

2007-03-05

Um texto de Erich Fromm

Socialismo ou robotismo?

Erich Fromm

„Socialismo o Robotismo?“ was written for the Uruguayan Paper El Sol, November 1957. The text follows the typoscript included in the Literary Estate. - Copyright © 1957 by Erich Fromm; Copyright © 2004 by The Literary Estate of Erich Fromm, c/o Rainer Funk, Ursrainer Ring 24, D-72076 Tuebingen, Fax: +49-7071-600049, e-mail: frommfunk@aol.com.

El mundo está dividido hoy en dos campos y existe actualmente una diferencia decisiva entre los dos sistemas. En el mundo occidental hay libertad para manifestar ideas críticas acerca del régimen vigente. En el mundo soviéticos la crítica y la manifestación de ideas disidentes están suprimidas por la fuerza bruta. En consecuencia, el mundo occidental lleva en sí la posibilidad de un cambio pacífico y progresivo, mientras que en el mundo soviética esa posibilidad casi no existe.

¿Pero cuáles son las perspectivas para el futura? En el desarrollo del capitalismo y el comunismo, tal como podemos preverlo en los próximos cincuenta o cien años, continuará el proceso de automatización y enajenación.

Ambos regímenes se están convirtiendo en sociedades directoriales, con poblaciones bien alimentadas bien vestidas, con sus deseos satisfechos y sin más deseos que las que pueden

satisfacerse; autómatas que obedecen sin necesidad de recurrir a la fuerza, que son guiados sin líderes que hacen máquinas que funcionan como hombres y producen hombres que actúan como máquinas; hombres cuya razón decae mientras su inteligencia aumenta, creando así la peligrosa situación de equipar al hombre con una fuerza material inmensa, sin la cordura necesaria para usarla.

Esta enajenación y automatización conducen a un desequilibrio mental cada vez más acentuado. La vida no tiene sentido, no hay alegría, ni fe, ni realidad.

Todo el mundo sea „feliz“, salvo que no siente, ni razona, ni ama.

El problema del siglo XIX fue que Dios había muerto; el del siglo XX es que ha muerto el hombre. En el siglo XIX inhumanidad significaba crueldad; en el siglo XX significa {02} autoenajenación esquizoide. El peligro del pasado estaba en que las personas se convirtieran en esclavos. El peligro del futuro está en que las personas se conviertan en robots o autómatas. Ciertamente es que los autómatas no se rebelan. Pero, dada la naturaleza del hombre, los robots no pueden vivir permanecer cuerdos; se convierten en „Golems“, destruirán su mundo y a sí mismos porque no pueden resistir el tedio de una vida sin sentido.

Nuestra única alternativa para el peligro del robotismo es el socialismo humanista. El problema primordial no es el problema legal de la propiedad, ni el de participar en las utilidades, sino el de compartir el trabajo y la experiencia.

Deben operarse cambios en la propiedad en la medida en que sean necesarios para crear una comunidad de trabajo y para impedir que el móvil de la ganancia oriente la producción en direcciones socialmente perjudiciales. Deben igualarse los ingresos en la medida necesaria para dar a todo el mundo la base material de una vida digna evitando así que las diferencias económicas produzcan una experiencia fundamentalmente distinta de la vida, en las diferentes clases sociales. El hombre tiene que ser restablecido en su lugar supremo en la sociedad, no siendo más que un medio, no siendo nunca una cosa para ser usada por los otros o por él mismo. Debe terminar el uso del hombre por

el hombre, y la economía tiene que convertirse en la servidora del desenvolvimiento del hombre.

El capital debe servir al trabajo, las cosas deben servir a la vida. En vez de la 2 orientación explotadora y acumulativa, predominante en el siglo XIX, y de la orientación receptiva y mercantil predominante en la actualidad, debe ser la orientación productiva el fin al cual sirvan todos los dispositivos sociales.

No debe operarse ningún cambio por la fuerza, y debe ser simultáneo en las esferas económica, política y cultural. Los cambios limitados a una esfera destruyen todos los cambios. Así {03} como el hombre primitivo estaba inerte ante las fuerzas naturales, el hombre moderno se halla inerte ante las fuerzas sociales y económicas que él mismo ha creado. Adora las obras de sus propias manos y se prosterna ante los nuevos ídolos, y, no obstante, jura por el nombre de Dios, que le ordenó destruir todos los ídolos. El hombre puede protegerse a sí mismo contra las consecuencias de su propia locura, únicamente creando una sociedad sana adaptada a las necesidades del hombre, necesidades que están arraigadas en las condiciones mismas de su existencia; una sociedad en la que el hombre se relacione con el hombre amorosamente, en la que se sienta enraizado en vínculos de fraternidad y solidaridad, más que en los lazos de la sangre y el suelo; usa sociedad que le brinde la posibilidad de trascender la naturaleza creando y no destruyendo, en que cada individuo adquiera el sentido de sí mismo, sintiéndose sujeto de sus capacidades, y no mediante la conformidad; en la que exista un sistema de orientación y devoción, sin que el hombre necesite deformar la realidad ni adorar ídolos.

Organizar esa sociedad significa dar un nuevo paso, significa el fin de la historia „humanoide“, de esa etapa en que el hombre todavía no era plenamente humano. No significa el „fin de los días“, la „terminación“, el estado de armonía perfecta en que el hombre ya no encuentra conflictos ni problemas. Por el contrario, el destino del hombre es que su existencia se vea acosada por contradicciones que tiene que resolver sin llegar nunca a resolverlas. Cuando haya superado el estado primitivo de los sacrificios humanos, sea en la forma ritual de los aztecas o en

la forma secular de la guerra, cuando haya podido regular razonablemente sus relaciones con la naturaleza, en vez de regularlas a ciegas, cuando las cosas se hayan convertido realmente en servidoras suyas y no en sus ídolos, se encontrará ante los conflictos y problemas verdaderamente humanos; necesitará ser arriesgado, valiente, {04} imaginativo, capaz de sufrir y de gozar, pero sus potencias estarán al servicio de la vida y no al servicio de la muerte. La nueva etapa de la historia humana, si efectivamente sobreviene, será un nuevo principio, no un fin.

El hombre se encuentra hoy ante la más fundamental de las decisiones; no tiene que decidir entre capitalismo y comunismo, sino entre robotismo (en sus variedades capitalista y comunista) y socialismo humanista comunitario. La mayoría de los hechos parecen indicar que se inclina por el robotismo, y eso significa, a la larga, locura y destrucción; pero todos esos hechos no son bastante fuertes para destruir la fe en la razón, la buena voluntad y la salud del hombre. Mientras podamos pensar en otras alternativas, no estamos perdidos; mientras podamos deliberar juntos y hacer planes juntos, podemos tener esperanza. Pero, ciertamente, las sombras se entienden y las voces de la locura son cada vez más poderosas. Estamos a punto de llegar a un estado de la humanidad que corresponda a la concepción de nuestros grandes maestros; pero estamos en peligro de destruir toda la civilización o de caer en el robotismo.

Hace miles de años se le dijo a una pequeña tribu: „Puse ante ti la vida y la muerte, la bendición y la maldición, y elegiste la vida.“ Esa es también nuestra elección.

Copyright © 1957 by Erich Fromm

Copyright © 2004 by The Literary Estate of Erich Fromm

c/o Rainer Funk, Ursrainer Ring 24, D-72076 Tuebingen

Fax: +49-7071-600049, e-mail: frommfunk@aol.com.

Nota: reproduzi o texto tal como está na internet. Creio que contém alguns erros de tradução mas torna-se mais compreensível para um público português, em relação ao texto em inglês.

Reparem numa das frases finais do texto:

El hombre se encuentra hoy ante la más fundamental de las decisiones; no tiene que decidir entre capitalismo y comunismo, sino entre robotismo (en sus variedades capitalista y comunista) y socialismo humanista comunitario.

Estamos lixados? Pois eu não sabia que o robotismo já fora identificado pelo psicólogo alemão Erich Fromm. O que me sugere, então, este texto? Sugere-me mais um excerto da *Tabacaria* de Fernando Pessoa, que dou a seguir:

*Sempre uma coisa defronte da outra,
Sempre uma coisa tão inútil como a outra,
Sempre o impossível tão estúpido como o real,
Sempre o mistério do fundo tão certo como o sono de mistério da superfície,
Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma coisa nem outra.*

~~~~~

2007-03-05

Quando penso que este é o antepenúltimo episódio do meu «tratado», fico arrepiado com a minha ignorância em relação às teorias desenvolvidas anteriormente por outros tios. Acabo de descobrir que o tio Fromm - se ele fosse francês eu diria que o nome faz lembrar queijo e o queijo faz perder a memória - já tinha identificado o robotismo nas versões capitalista e comunista e propunha o “socialismo” em alternativa, pior a emenda que o soneto. Isto nos idos de 50, a seguir à II Grande Guerra. O tio Fromm era, sem dúvida, anti-ditaduras, tanto assim que fugiu do tio Hitler e foi parar... à América, claro está. Porém não deixa de ser alemão e, para mim, os alemães possuem uma característica que não constatei em mais nenhum povo: tudo tem que estar enquadrado num sistema coerente, numa filosofia, numa teoria desenvolvida com cabeça, tronco e membros e onde tudo esteja claramente estabelecido, sem margem para dúvidas. Deste modo, é impensável para um alemão que se destrua uma ideologia

sem uma ideologia alternativa, ela também alicerçada em tratados com teorias e mais teorias, se possível falseáveis como diria o tio Popper. Bem, também é por isso que eu estou a escrever este «tratado», tratando de provar verdades já comprovadas acerca da tintura, nomeadamente que a psicologia desenvolvida pelos psicólogos também é aproveitada pelas castas tintureiras para fazer mais e mais tintura.

Ainda há pouco estive a ouvir um desses programas de televisão que exploram os medos da classe “merdia”, em que um doutor médico assustava as pessoas com a doença renal. Dizia o senhor médico que a doença renal é uma doença de evolução lenta e sem sintomas mas muito perigosa, principalmente depois dos 70 anos. E prevenia os grupos de risco, com mais de 60 anos, para fazerem um «ketchup» a tempo se quisessem livrar-se da doença antes de morrer. Será que o tio Belmiro já fez o «ketchup»? E o tio Paulo Macedo? E os tios todos acima dos 60 anos?

Digam lá se isto não é psicologia pura veiculada pelos “merdia”? O medo, e o medo de morrer é o que aflige mais as bestas, serve para mantê-las dependentes dos tios e sentirem-se indefesas e reduzidas a... robôs facilmente programáveis por um qualquer arauto dos “merdia”. Cuidado com a Psicologia!

~~~~~

2007-03-06

Estou quase a esgotar o meu latim a bater e rebater na mesma tecla, que tudo neste mundo gira à volta da tintura. Quando vou às compras, gosto de observar o comportamento das outras bestas e, no outro dia, reparei numa senhora que se fazia acompanhar de uma menina de 5 ou 6 aninhos, possivelmente filha dela. Claro que as crianças gostam de ir às compras e passam o tempo todo a pedir aos pais que comprem isto e mais aquilo. Por elas levariam o “super” em peso para casa.

Pus-me então a meditar e a lembrar-me da minha infância. Não

havia supermercados nesse tempo mas havia grandes lojas na cidade onde cresci de forma solta e onde, pela tardinha, os miúdos ficavam na rua até à hora do jantar, depois de terem passado a tarde fechados a fazer os trabalhos de casa. E recordei-me de uma coisa que perguntávamos aos amigos, nesses encontros de fim de tarde: “Se te deixassem trancado à noite dentro da loja do Simião (uma das grandes lojas do sítio) e te dessem autorização para comer o que quisesse, o que comerias?”. Um dizia que se atirava aos chocolates, outro preferia as pastilhas elásticas e um outro lançar-se-ia aos rebuçados, enfim, cada um tinha a sua guloseima preferida ou referia aquela que de momento mais lhe apetecia comer. Outras vezes perguntávamos: “Se te deixassem levar o que quisesse, o que é que preferias?”. Aí a maior parte respondia que levava isto e mais aquilo e ainda mais isto ou tudo o que pudesse trazer. Comecei a pensar que nós temos uma tendência inata para “morfar” o mais possível e juntar “cacarecos” à nossa volta que gostamos de possuir.

Por isso, nem levo a mal os tios que nunca se livraram dessa tendência infantil e continuam pela vida fora a perguntar-se o que é que gostariam de comer mais, e que outros “cacarecos” gostariam de possuir, para além do vasto rol de bugigangas como vivendas de três andares com piscina e barbecue, jipes Mercedes e BMWs, telescópios, cozinhas equipadas com micro-ondas, fogão de indução, televisão, ultra sons e radar. Há mal nisso? Claro que não, se isso dá aos tios aquela sensação de fartura e saciedade que desde muito pequenos acalentaram...

Mas bastaria que os tios parassem um pouquinho e pensassem na infelicidade das bestas que ficam de fora a mirar e remirar aquela fartura. Sentir-se-iam talvez ligeiramente incomodados porque as bestas todas já foram (ou são) crianças e devem ter sonhado que um dia alcançarão o seu paraíso de fartura. Imagine-se ainda as crianças dos cantos miseráveis deste mundo, onde os anseios não passam por chocolates e brinquedos, mas talvez apenas por uma carcaça e um copo de leite e uns trapos para fazer bonecas ou elásticos para fazer forquilhas. A educação das bestas devia fazer-se de modo a moderar os

apetites infantis inatos e desenvolver nelas a empatia e o espírito de entreajuda. E a educação é fundamental porque aquelas bestinhas miseráveis que nos fazem dó acabam, em poucos anos, por se tornar em autênticas bestas capazes dos actos mais atrozes e chocantes em relação às bestas civilizadas, mesmo quando estas nem são da casta tintureira. Os “merdia” encarregam-se de criar os sonhos impossíveis nas bestinhas, deseducam em vez de educar. Mostram como vivem os tios e que a felicidade só é alcançada vivendo nos mesmos moldes. De onde veio o magnata da droga? De onde vieram os traficantes todos? De onde vieram os tios afinal? Todos eles já foram miseráveis crianças de barriga inchada e olhando com inveja para o brinquedo de uma outra criança. E quem lhes disse que invejar é “pecado”?

Plagiando João Batista do Lago, diria:

MENOS OSTENTAÇÃO, OLHAI A EDUCAÇÃO DAS BESTAS!
ABAIXO OS “MÉRDIA” QUE DESEDUCAM.

É do João Batista do Lago o poema que transcrevo a seguir:

Descaminho

*Há uma pedra no caminho;
no caminho há um homem.*

*Há um homem no caminho;
no caminho há uma pedra.*

*Há um caminho sem uma pedra;
no caminho não há um homem.*

*Há um caminho sem um homem;
no caminho não há uma pedra.*

*Há uma pedra livre porque o caminho está livre do homem.
Há um homem livre porque o caminho está livre da pedra.
Há um caminho livre porque o caminho está sem uma pedra.
Há um caminho livre porque o caminho está sem um homem.*

[...]

Há um caminho livre porque não há nem homem, nem pedra!

In *Eu, Pescador de Ilusões*, de João Batista do Lago

2007-03-09

E, caros amigos, tal como eu prometi há três dias atrás, aqui estou eu para acabar de escrever o meu «tratado» sobre a tintura de iodo. A síntese dos episódios fica para ser feita mais tarde, num prefácio final, porque a maioria das pessoas começa a ler os livros a partir do fim. Mas vamos aos “finalmentes” e falemos, por fim, da mais importante organização tiocrática de todas, porque protege os tios de serem maltratados pelas bestas, pelo menos enquanto estas não atingem um estado de saturação que as leve à revolta. A maioria das bestas aceita o estado das coisas e pensa tratar-se do destino que lhe está reservado, o que de facto não está longe da verdade. O tio Orwell já nos elucidara no seu tratado* que os animais precisam de líderes espirituais e executivos que os conduzam. Ontem foram alguns porcos que conduziram a revolta dos animais, hoje vivemos sob o domínio dos robôs, e amanhã virão outros tios substituir estes, a situação das bestas será sempre andar ao serviço dos tios para que estes possam cumprir também o seu destino de tios, isto é, a realização de todos os seus sonhos infantis, como expliquei no episódio anterior. E como é que os tios se protegem? Com as leis e com as forças da ordem. Todas as bestas (e só elas) são obrigadas a cumprir as leis que os tios mandam fazer. As que não cumprirem são imediatamente presas preventivamente, são julgadas e cumprem a pena que lhes for dada. Em princípio os tios deviam respeitar também a lei. Mas como respeitar a lei e continuar a ser tio?

Todos sabem que os tios têm muitas maneiras de fugir à lei, e só alguns tios descarados são objecto de averiguações, averiguações que acabam sempre em águas de bacalhau, mesmo porque os tios são muito unidos e quando um se mete em maus lençóis organizam logo jantares de solidariedade, petições e manifestações para o livrar da lei. E os tios têm sempre excelentes colaboradores que são os advogados manhosos que tratam de protelar as coisas o mais que puderem, fazem

“mega-processo” de um caso que poria qualquer besta no dia seguinte na cadeia, mas os tios ficam de férias em Cascais e só de quando em vez são chamados para umas sessões à porta fechada no tribunal.

Neste momento só conheço um tio que está preso, o coitado do tio Valle e Azevedo, e só porque comprou um botinho de borracha com dinheiro do Benfica. Que eu saiba ele não violou ninguém nem roubou dinheiro como os donos dos bancos. Felizmente agora os tios já fizeram uma lei que permite roubar quantias até quase cem euros de tinta a cada besta, sem estar a cometer crime algum. É por isso que os bancos passam, a partir de agora, a poder roubar legalmente e não precisam sujeitar-se sequer a críticas maldosas das vítimas quando se enganam nas contas das bestas e lhes cobram taxas por tudo e por nada. Taxa de manutenção, taxa de levantamento, taxa de depósito, taxa de transferência, etc.. Que não se pense que a lei de descrimação do furto é para se poder furtar no supermercado, todos os supermercados têm os seus jagonços privados para meter medo às bestas e elas não poderem beneficiar da nova lei pró-furto.

Mas a maior parte das bestas deixa-se iludir pelos tios. Li, há bem pouco tempo num blog um comentário que defendia os tios Belmiros e Amorins, e onde se dizia que eles são o máximo porque dão emprego a muita gente. De facto, dão emprego a muita gente porque são quase os únicos empregadores que temos. E que empregos! Mas também tiraram emprego a muitas bestas ou reduziram-nas à miséria. O pequeno comércio e muitos micro-comércios foram engolidos e/ou passaram a ser sub-empresas dos grandes tios.

Os grandes tios são, realmente os chefes da sociedade robótica em que vivemos. Os outros, os tiozinhos governantes, são robozinhos telecomandados pelos grandes tios. Fazem aquilo para que foram programados, até se sentem os maiores porque estão em cargos de destaque, alguns muitíssimo bem 'pagos' como o do governador do Banco de Portugal, gestores públicos e outros tachos, e podem aparecer na televisão com fatos novíssimos e gravatas de luxo, passear-se em brutos BMW's comprados com o dinheiro das bestas (até parece que estão a gozar com elas mas não, estão a sacrificar-se para o bem delas).

Resumindo, os tios estão, para já, a salvo das bestas porque estas andam desorientadas que nem baratas tontas, sem saber já em quem acreditar ou não, e têm razão em não acreditar em nenhum tio porque nenhum deles dá um ponto sem nó e, quando dão um nó górdio, têm a lei do seu lado e os advogados merdiáticos que os ajudam a desfazê-lo. De resto, podem dormir descansados porque as forças policiais, os “securitas” e, em último caso, os militares, saberão defendê-los das bestas porque as bestas foram feitas só, e exclusivamente, para trabalhar para o bem dos tios.

* Mais uma referência a *O Triunfo dos Porcos*, de George Orwell.

FIM

PREFÁCIOS FINAIS

Poema/Hino de Heloísa, feito para o «Das Tinturra»

Marchemos!
Marchemos!!!!!!

Marchemos em frente
Rumo ao reino
Distante
Onde num outro Tempo
Teria havido GENTE!

MARCHEMOS!
MARCHEMOS,
FIRMES
ERECTOS
CONCRETOS
EM AÇO CONSTRUÍDOS
DE SENTIRES DESTITUÍDOS!

Marchemos!
Marchemos!!!!!!

Marchando,
Empunhemos o Estandarte
Da Indiferença
da Malquerença
Porque, para além
Da nossa Monitorização
Computorização...
NADA MAIS HÁ
Na Caixa
[Fingindo de Toráxica,
"Ácica"]
Onde outrora
As Gentes

Possuíam um “tal órgão”
Denominado Coração!

CORAÇÃO
ÓRGÃO
MÚSCULO
SANGUE
VIDA PULSANTE
NASCENTE
CAUDALOSA CORRENTE
DA SEIVA
DO SENTIMENTO
PERTENÇA DA TAL
GENTE
SER/PENSANTE!

...

Mas...
ESSE, É
O TEMPO
JURÁSSICO
Da Era do AÇO
ROBOT
Computorizado
Manipulado
Pela Programação
Dos Inventores
[Sem Emoção]
E Dominadores
Do NOVO
ESTÉRIL
“Asséptico”
Reino da Computorização;

VERSUS/ROBOTIZAÇÃO!...

.....

